

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIV

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1927

N. 157

ANNO XIV

Com este numero entro em meu decimo quarto anno de existencia. Nesses quasi tres lustros de vida nunca fiz outra coisa senão pugnar pela grandeza militar do Brasil, sempre e sempre alheia das competições, dos interesses pessoaes.

Algumas vezes teem sido mal interpretados os meus conceitos, as minhas attitudes, mas nunca me faltou o apoio decidido, franco dos nossos melhores espiritos, em todos os graus da hierarchia. Dessa seiva santificada, dessa força de inexaurivel potencial é que se alimentam minhas paginas.

Em certos momentos se tem querido tornar pessoaes attitudes minhas que se diminuiriam se vergadas ao peso dessa ignominia. Sempre, porém, tenho sahido vencedora nesses transes, embora ao preço de alguns sacrificios pessoaes, factores que muito teem contribuido para meu exito. E' que nada nem ninguem pôde subalternizar o que por natureza é nobre e elevado, por que desinteressado e impessoal, como acontece aos meus intuitos.

Cooperei para implantar e systhematisar a instrucção nos corpos de tropa; para a iniciação tactica dos quadros. Por toda parte refundi habitos e estimulei esforços ao mesmo tempo que me batia por tornar effectivos os principios doutrinarios de organisação militar. *A minha maior gloria está em ter modelado a mentalidade nova do Exercito, a tal ponto desenvolvida hoje que ninguem mais pôde destruir-a.* São, pois, grandes e immorredouros os meus serviços á causa publica, tanto mais quanto não dou lucros pecuniarios aos que agitam suas ideias em minhas paginas ou dirigem a minha publicação: — *tudo aqui se faz para o Exercito e pelo Exercito, para a Patria e pela Patria.*

Agora estou a serviço da conquista maxima da nova mentalidade militar que elaborei: — *integrar-se o Exercito na Nação.*

Inicio esse novo anno de trabalho, como sempre: — *confiante na solidariedade de quantos sabem cumprir seus deveres esquecidos de si mesmos.*

EDITORIAL

Em torno da Reforma Fundamental

Incontestavelmente a defesa nacional é, entre nós, problema apenas posto em equação, ainda não resolvido. Não foram ainda praticamente determinadas suas raízes, sobre as quais sómente methodos de pesquisa têm sido esboçados. E' o que se pode deprehender do conjunto de acções e tentativas até agora encaradas em prol da solução do magno problema.

Não têm sido atacados os pontos principaes, embora theoricamente todos saibam do que é preciso cuidar. Sabe-se que é preciso ter uma organização e quais são suas principaes peças.

Quando, porém, vae-se tratar de construir tão complexo edificio, a acção perde-se, desvaira-se, patina, sem de facto chegar a termo razoável.

Só agora legítimas esperanças nos são dadas de que outra orientação seja decisivamente tomada.

**

Não somos dos que atribuem ás insufficiencias da raça ou fraquesas do carácter nacional, como é de moda fazer-se para as baldadas iniciativas, a causa de nossas irrealizações militares.

Esta é uma explicação commoda mas nem sempre justa. Bem ajuizados, os insucessos residem mais na falta de certos meios ou na imperfeição de outros que na propria inaptidão dos homens.

Não temos defesa nacional organizada porque os orgãos que d'isso devem incubir-se são imperfeitos em alto grão. Nem mesmo nos falta vontade, energia, capacidade de trabalho, mas falta-nos conhecimento pratico das necessidades, o que é a causa principal do abandono de certas iniciativas e da impossibilidade do estabelecimento e execução de quaisquer programmas.

O primeiro passo a dar-se para o successo final será fazer-se com que todos adquiram o conhecimento destas necessidades, dentro e fóra do Exercito.

**

Os apparelhos permanentes da organização geral da defesa nacional são

os unicos capazes de uma tal eripreza. Para isso, porém, é preleminarmente indispensavel que elles mesmos sintam essas necessidades. O estado actual de cousas denuncia desde logo que esses orgãos resentem-se de faltas graves.

Bem verdade é que, a certos respeitos, forma-se um circulo vicioso em que vimos vivendo, com as allegações de que os orgãos permanentes da nossa força militar não se desenvolvem porque a nação ignora suas próprias necessidades, e de que esta ignorância provem da imperfeição d'aqueles orgãos.

**

A origem é, porém, unica. E' que a cellula fundamental de toda organização militar de um paiz reside exclusivamente na excellencia dos quadros. Estes é que alimentam o organismo todo inteiro. Affectadas, doentes, imperfeitas, pobres, tudo se resente e não haverá recursos therapeuticos — sejam injecções de cultura profissional das missões estrangeiras, sejam os grandes paliativos de reorganisações continuas, sejam outros quaisquer recursos — capazes de restabelecerem a saude assim abalada, á defesa nacional, sem que provoquem a regeneração da cellula fundamental, isto é, os quadros, donde tudo se ger e aos quais tudo se prende.

Todo mal reside, portanto, em causa primeira na imperfeição dos proprios quadros.

Até aqui interesses diversos confessaveis uns, inconfessaveis outros, têm relegado para calendas longínquas, o trato desta questão.

No entanto, o pouco que as circunstancias forçaram a fazer-se produziu já efeito bastante para que hoje seja possível clamar, com écho e apoio quasi unanimes, pela necessidade inconteste e urgentissima de uma tal reforma.

O fracasso de todas as tentativas tem causa mais no modó porque os quadros as receberam e comprehenderam que em deficiencias da propria nacionaldade.

Essa é a verdade que se deve proclamar, como preito de justiça, não só para com a Nação que não tem culpa de não ser esclarecida, como em respeito aos que tomaram as iniciativas com patriotismo, muitas vezes com saber e sempre com coragem e sacrifício, mas deixaram de ser secundados por aquelles a quem competia executar ou fazer executarem-se as medidas.

Não será, pois, demasiado repetir-se que sem quadros capazes de bem conduzirem a nação á batalha e, portanto, capazes de a prepararem para esse acto decisivo, qualquer esforço ficará perdido e todo dispendio inutil.

Revalidar a hierarquia dotando-a de todas as energias necessarias ás suas multiplas missões, energias civicas, energias moraes, energias intellectuaes e energias profissionaes, é incontestavelmente a primeira idéa de uma verdadeira realização nos assumptos que nos ocupam, isto é, na *montagem solida da defesa nacional*.

**

No Exercito, a presença da M. M. F. e o esboço de organisação dos cursos para officiaes, parecem denunciar ser este já o pensamento dominante dos que dirigem. Não tem ainda, porém, bastante e necessário relêvo essa idéa, e, sobre tudo, não basta o que ella produz. A verdadeira evidencia da preponderancia das questões relativas ao valor da hierarchia, sobre todas as demais, deve ser revelada por uma apropriada *lei de promoções*.

Fazer adequada *lei de promoções* será completar a obra das escolas e fundar em bases solidas o edificio da defesa nacional.

**

Sobre que a situação actual de nossa hierarchia é precaria não pode restar dúvida. Preenchida por lei que data de há 35 annos, quando a mentalidade dominante era *anti-militar*, e estava atrasada mesmo em sua época, não poderá nossa hierarchia corresponder ás necessidades presentes e futuras.

Por outro lado, resentem-se ainda os nossos quadros das perturbações de ordem política que abalaram profundamente a Nação, notadamente no periodo pré-republica até Prudente de Moraes e nas

quaes foram as forças armadas inteiramente imiscuidas.

Só com Campos Salles e Mallet comeca o trabalho verdadeiramente reconstrutor, atacando-se sabiamente a reforma dos quadros, como obra inicial e principal.

Não houve, porém, continuidade, nem mesmo após a presença da M. M. F., tendo sido preferidos os paliativos das reorganisações successivas, sempre inacabadas.

Como accão moderna reformista dos quadros houve a que conduziu a intempestiva e inopportuno *rejuvenescimento*, cujos effeitos não poderiam deixar de ser mais prejudiciaes que uteis. Teve o processo adoptado o caracter de improvisação de officiaes, o que é por si só a negação da necessidade de existencia de uma *hierarchia de valôr progressivo nos quadros*.

Perturbada desse modo a situação, sem que houvesse medidas compensadoras, foi ainda aggravada pelo maior valor profissional relativo dos baixos postos, adquirido nas escolas novas.

Mas, o valor actual da *hierarchia* para ser comprehendido exige descer-se á analyse dos methodos de sua formação.

Pondere-se que as promoções até o posto de capitão são feitas por antiguidade exclusivamente, o que quer dizer que serão normalmente velhos os capitães, sem que sobre essa parte dos quadros se tenha exercido qualquer influencia estimulante. De capitão a coronel entra em jogo o *merecimento*, cuja definição é vaga e imprecisa, merecimento que nem sempre é qualificado pelo orgão designado para isso (promoções extra lista).

No generalato predomina em absoluto a escolha, isto é o *livre arbitrio*, raramente predominantes sendo os valores profissionaes.

Ha ainda, em todos os postos as promoções por *bravura* e *serviços relevantes* que são a inversão do principio primordial de successo da hierarchia, da selecção pelas capacidades e representam uma reminiscencia dos exercitos pessoaes, ou guardas pretorianas.

A bravura, bella qualidade que será ideal todos possuam, como os serviços relevantes que será ideal todos prestem, devem ser largamente recompensados mas

com premios especiaes, *medalhas*, melhoria de reforma, etc., nunca, porém, com promoções, pelo menos não estando declarado o estado de guerra. É preciso pensar que é possivel *ser bravo* e *ser incapaz*.

Temos ainda a considerar o processo das promoções. Uma commissão central louvando-se quasi exclusivamente nas *fés de officio* que ás vezes dizem demais e outras nada dizem, não pode produzir se não obra imperfeita por mais honestos e criteriosos que sejam seus membros.

**

Isto posto, como effectuar a reforma? Que noções e processos são necessarios introduzir para evitar no maximo a especulação politica e pessoal, garantir e estimular o merito, assegurar efficazmente o recrutamento de cada posto e especialmente do generalato e manter os quadros das armas e serviços equilibrados, o que é uma necessidade da disciplina geral do Exercito?

Em nosso modo de ver que é *imperial* e mira exclusivamente os interesses geraes, presentes e sobre tudo futuros, da defesa nacional, uma nova lei de promoções poderia assentar nos seguintes principios:

- 1º) A promoção não é um direito do official e sim uma necessidade do Exercito; não constitue premio directo a serviços prestados mas se lecciona capacidades em cada posto.
- 2º) Sendo o generalato a chave mestra da hierarchia e exigindo suas funções geraes e complexas, qualidades individuaes não communs, inclusive saude physica, é indispensavel acelerar a carreira dos que mostrem possuir as qualidades primordiaes: *caracter, intelligencia, cultura technica, cultura geral, bôa saude*.
- 3º) Consequentemente, as promoções devem exprimir sempre o resultado de uma depuração constante entre as capacidades de cada posto tendo em vista o preenchimento do posto imediato e o do generalato.

**

Não pode haver duvida que os exercitos já formados e experimentados na

guerra com successo recompensador, possuem na formação de seus quadros bôas normas.

Não poderiamos, porém, limitar-nos a copiar um desses modelos porque certos processos optimos lá, transplantados para nosso meio teriam os mais desastrosos effeitos não sendo amparados por costumes já formados e estaveis.

Será preciso então adoptar normas que se coadunem com as condições actuaes e attendam á grande difficuldade de apreciar e julgar os meritos.

Para enquadrar de um modo seguro as difficuldades dos julgadores, subordinando-as aos interesses geraes, reduzindo ao minimo as falhas, cremos deveria uma *nova lei de promoções* estabelecer, entre outras medidas, as seguintes bases:

- 1º) Haverá apenas duas epochas de promoção no anno, em datas espaçadas cerca de 6 meses;
- 2º) Dois meses antes da primeira data de promoções será publicada a lista, por armas e serviços, dos qualificados para a promoção por merecimento.
- 3º) O numero das qualificações será estabelecido de acordo com o numero provavel de vagas mais uma porcentagem, tudo fixado annualmente pelo governo.
- 4º) Todas as promoções serão feitas na ordem rigorosa das qualificações sendo que as que não lograrem promoção n'um anno encabeçarão a lista do anno seguinte.
- 4º) Nenhum official poderá ser qualificado e promovido sem que pertença á metade mais antiga do quadro de seu posto.
- 5º) Nenhuma promoção será admittida *extra lista* sendo nullos os actos que por ventura lhe dêm lugar.
- 5º) A qualificação para a promoção por merecimento começa a ser estabelecida no escalão regimento. Os Cmts de Bda., fundirão as listas dos regimentos organisando uma só lista na ordem que julgarem merecer os officiaes.

O mesmo procedimento terão os Cmts. de Divisão, chefe de E. M. E., chefias de serviço etc., para os seus subordinados.

- 6º) O Ministro da Guerra, o chefe de E. M. E., os Inspectores de grupos de regiões e mais dois Generaes de Divisão sob a presidencia do primeiro e secretariados pelo chefe do D. C. farão a revisão e organizarão uma lista geral e definitiva.
- 7º) Os officiaes collocados na lista de merecimento que sejam promovidos por antiguidade terão sua promoção considerada por mérecimento, mas a proporção de vagas a serem preenchidas em cada principio não se alterará.
- 8º) As promoções por antiguidade corresponderão a $\frac{1}{5}$ das vagas; as por mérecimento corresponderão a $\frac{2}{5}$ para os officiaes comprehendidos no quarto mais antigo do quadro de seu posto e $\frac{2}{5}$ aos comprehendidos na metade mais antiga.
- Essas proporções serão observadas para as promoções a major e até coronel.
- Para a promoção a capitão observar-se-á a seguinte: $\frac{1}{4}$ merecimento e $\frac{3}{4}$ antiguidade.
- Os *aspirantes* serão automaticamente promovidos a 2ºs Tenentes apoz um anno de posto e os 2ºs Tenentes a 1ºs Tenentes apoz dois annos, para a execução de cuja medida o Governo fixará convenientemente o numero de alumnos a serem admittidos na E. M.
- 9º) Para a promoção a segundos tenentes concorrerão os aspirantes e, havendo vagas, sargentos conforme condições a serem estabelecidas, para os quaes o acceso irá até ao posto de Capitão exclusive.
- 10º) A promoção ao generalato será feita por escolha do governo, entre os coronéis que tenham curso de Estado Maior e se submettam a provas especiaes organizadas pelo E. M. E.
- 11º) O merecimento será computado na seguinte ordem de importancia:
- cultura profissional* e geral sendo esta ultima só levada em conta quando houver igualdade de condições;
 - valor pratico do official;

c) valor moral.

A cultura profissional assenta nos resultados dos cursos para officiaes e nos trabalhos de interesse militar que o official apresente ao julgamento do E. M. E.

O valor pratico pela *fé de officio* e pelo julgamento dos commandos sob que serve o official.

Na apreciação do valor pratico preponderam:

- serviços de guerra, sua natureza;
- comissões technicas, sua natureza;
- se o arregimentado effectivamente a tropa ou nos E. M. para os officiaes que tenham o respectivo curso;
- saude e condições physicas, apreciadas pelos commandos.

O *valor moral* é computado pela *fé de officio* (natureza dos castigos, especie dos elogios, etc.) pelo conceito de que gosa o official e pela opinião pessoal dos commandantes.

Nas apreciações do valor profissional e do valor pratico levam-se sobretudo em conta os *conceitos* formulados nas escolas para *officiaes*.

*

**

Suppomos haver aqui enquadrado as regras principaes a que será preciso atender n'uma reforma da lei dos quadros. Não ha dissertações vagas sobre *valor, intelligencia* etc. mas cremos ter encarado os pontos capitales para a revalidação, a reconstituição da hierarchia, estando o puro arbitrio restrinido ao minimo. Bastará ponderar-se que o trabalho deixará de ser feito por uma comissão que não conhece a maioria dos officiaes, para ter a collaboração d'aqueles que lidam dia a dia com esses officiaes, e ver-se-á a grande melhoria a resultar forçosamente d'ahi.

Por outro lado são numerosos os escalões revisores e aparecerão fatal-

mente nas qualificações para a promoção officiaes pertecendo a todas as regiões.

Não queremos, porém, dizer ser esta a solução unica, pretendemos apenas iniciar o estudo do assumpto magno encarando-o pelo verdadeiro prisma e solicitando para elle a attenção dos bons estudiosos de nosso problema militar.

Até aqui as discussões travadas sobre o assumpto têm permanecido quasi sempre no terreno vago, que é particularmente de nosso gosto neo-latino, tendente sempre ás generalidades e ás phan-

tasias; e os projectos apresentados já, se adoptados, ou nada adiantariam ou causariam modificações profundas e de consequencias impossíveis de determinar.

Resolvido o assumpto nos moldes aqui esboçados não só se melhoraria a *hierarchia* consideravelmente, mas duas vantagens adviriam immediatamente: uma, o prestigio maior dos diversos escalões do commando; outra, cessar o horror absoluto aos serviços prestados fóra das vistas da commissão de promoções — onde quer que o official estivesse teria pelo menos um membro dessa commissão.

BÔAS FESTAS

«A Defesa Nacional» envia a todos os seus representantes, assignantes e colaboradores os seus melhores votos de felicidade pessoal, «de amôr ao trabalho e fé na victoria».

Em nosso Editorial de Novembro, no momento crepuscular de então, escreviamos:

«Nunca, como no presente momento, os destinos do paiz — no interior como no exterior — dependeram tanto da estabilidade, da efficiencia do Exercito. Em nenhum outro instante da vida nacional a estabilidade, a efficiencia do Exercito dependeram tanto da visão, da energia esclarecida e justa da pessoa do Presidente da Republica. Não ha noticia de nenhum outro momento em que o Exercito Nacional — estarrecido pela derrocada, sedento de justiça, quasi morto sob o peso da consciencia de suas graves responsabilidades — esperasse tanto de um homem de governo».

Passados que são apenas dois meses podemos escrever que *nunca um homem de Estado confiou tanto nas forças vivas do Exercito como o actual Presidente da Republica*.

São amplas as suas directivas em vista dos nossos problemas; intimo o con-

tacto que vem mantendo com os centros propulsores de nosso organismo; tão larga a sua visão, que sempre allude em suas palavras ao problema conjunto da defesa militar de nosso paiz.

Começando por dar á situação material dos quadros o relevo que merece e por manter-se firme na decisão de mandar para seus postos todos os que delles estavam afastados, deu com isso duas provas magnificas de seus intutitos.

Ao que sabemos, o anno que se inicia será de realizações de valôr. As visitas do Chefe de Estado ás nossas Escolas serviram para consolidar as suas bôas disposições. É certo que muitos dos problemas inseridos em nossas «Sugestões» de Novembro terão solução definitiva. Essa é a melhor prova de que «A Defesa Nacional» *soube traduzir as ideias ambientes que outra coisa não são* as suas «Sugestões».

Os nossos votos são, pois, de congratulações. Que Deus nos dê, a cada um de nós, a energia necessaria a vencerem-se todos os obices, aplacarem-se todas as dissensões com o fim unico de servir á Pátria dentro do Exercito.

Ten. Cel. Barrand

Pelo «Lutetia» voltou definitivamente á França o cmt. Barrand, que durante seis annos foi o professor de tactica de I. na E. E. M.

Todos quantos foram seus alunos ou ouviram-lhe os ensinamentos de profundo conhedor da infantaria moderna — nas escolas, nas manobras e nos corpos de tropa — podem dizer de suas excellentes qualidades de espirito e de caracter, de seus magnificos dotes profissionaes.

Para que todos os nossos leitores ajuizem bem do valor do membro da M. M. F. que ora nos deixa, e como a melhor homenagem que lhe poderíamos prestar, aqui ficam transcriptas as citações que mereceu dos seus chefes durante os rudes annos da Grande Guerra.

Legião de honra. (Ordem n.º 3181/D de 2 de Julho de 1916):

A cruz de cavalheiro da Legião de Honra é conferida ao capitão Barrand, do 6.º Regimento de Infantaria (commandante do destacamento de Souges), com a citação seguinte:

« prova, em 29 de agosto de 1914, das m bellas qualidades de energia e de coragem, conservando o commando da sua companhia apôs haver sido gravemente ferido, continuando, desta fórmula, com o mais notável sangue frio, a dar as ordens exigidas pela situação ».

A presente citação acarreta a atribuição da Cruz de Guerra com palma.

Ordem regimental n.º 1051. O tenente-coronel Leclere, commandante do 82.º regimento de infantaria, cita em ordem regimental o chefe de batalhão Barrand Gabriel, commandante do 2.º batalhão:

« Official superior de alto valor. Desde maio de 1917, apezar das dificuldades dos diversos sub-rectores do regimento, mostrou provadamente reaes qualidades militares tanto na organização do terreno como na das golpes de mão. Pagou largo tributo pessoal e foi o melhor exemplo para seu batalhão. (31 de dezembro de 1917).

Ordem regimental n.º 1049 bis. O tenente-coronel Leclere, cmt. do 82.º Regimento de Infantaria, cita em ordem regimental o 2.º Batalhão: « Unidade de escól, ardente e tenaz no combate, animada do mais nobre espirito de sacrifício.

Em 3 de novembro de 1916, sob as ordens do commandante Chauvet, após sete dias de um terrificante bombardeio e de uma lucta palmo á palmo, conseguia, a força de coragem e de indomavel tenacidade, e apezar de perdas excessivamente severas, apoderar-se da aldeia de Vaux (Verdun) e ahi manter-se contra a reacção encarniçada do inimigo que despejava sobre ás ruinas da aldeia os fogos esmagadores de uma potente artilharia.

A 16 de abril de 1917, reagrupado em pleno combate e colocado sob o energico e brilhante commando do capitão Barrand contribuiu poderosamente para repellir o contra-ataque allemão da tarde, sahindo, por sua vez, das trincheiras para atacar á baioneta nas pegadas do seu coronel e do seu chefe, organizou a defesa de « L'ouvrage ovale » no coração mesmo das posições inimigas e ahi se manteve. Revelou na vida do sector, deante de Juvincourt e Corbey, sob as ordens do infatigavel e superior trenador de homens que é o seu chefe, commandante Barrand, um admiravel impulso, um devotamento incançavel jamais permitido o menor insulto ás nossas trincheiras pelo inimigo; conseguiu alcançar a excellencia sobre elle por

meio de patrulhas ousadas, golpes de mão encericos concebidos por seu commandante, executados por officiaes e graduados de grande valor e sublimes « poilus ».

O batalhão Barrand é um blóco de devotamento, um symbolo de gloria». (31 de dezembro de 1918).

Extracto da Ordem Geral n.º 376 de 24 de abril de 1918. O General Humbert, commandante do III Exercito cita em ordem do Exercito:

O chefe do batalhão Barrand, commandante do II Batalhão do 82.º Regimento de Infantaria:

« Encarregado de uma missão defensiva de mais alta importancia, cumpriu magnificamente sua missão, fazendo frente a todos os ataques, produzindo pesadas perdas ao inimigo e operando uma mudança de posição em condições particularmente difficis. Resistiu no dia seguinte á furiosos assaltos, executando, varias vezes, energicos contra-ataques » (24 abril 1918).

Transumpto da ordem geral n.º 83 de 17 de Agosto de 1918. O General commandante do 5.º Corpo de Exercito cita em ordem do Corpo de Exercito:

M. Barrand Gabriel, chefe de batalhão no 82.º R. I. « Official superior de uma actividade e de uma bravura notaveis. Em 18, 20 e 22 de julho de 1918, conduzio seu batalhão ao ataque das posições inimigas solidamente organizadas, logrando ahi penetrar e se manter apezar da violencia do fogo das metralhadoras e da artilharia », — General Pellé.

Ordem Geral n.º 435 do 5º Exercito. O General Guilhaumat, cmt. do 5º Exercito, cita em Ordem do Exercito:

Barrand Gabriel, chefe de batalhão do 82.º R. I.: « Official superior da primeirissima ordem, tendo um ascendente consideravel sobre todos os seus homens. Graças ao seu impulso, ás disposições adoptadas e á sua tenacidade, rechassou o inimigo de varias posições importantes e conquistou um centro de resistencia energicamente defendido, capturando 23 prisioneiros, 2 metralhadoras pesadas, 7 metralhadoras leves. Seis ferimentos — cinco citações. (5 dezembro 1918).

Titular da Cruz de Guerra belga (14 maio, 1920) e oficial da Legião de Honra por feitos de guerra (16, junho 1920), o cmt. Barrand é, por todos os titulos, oficial eminente do qual muito deve esperar ainda o Exercito francez.

Ao illustre chefe enviamos os nossos melhores votos de felicidade pessoal.

A Defesa Nacional Argentina

Uribúru versus Molina

(Tradução)

Pelo Major *Alvaro de Carvalho*.

(Continuação)

No meu primeiro artigo referi-me á tendencia do autor de «A Defesa Nacional» de volver á antiga organização da infantaria na Divisão de Exercito. O Coronel Molina cita os motivos que, segundo elle, fizeram-na desapparecer dos exercitos europeus, e argumenta com os que devem ser adduzidos entre nós, para mantel-a.

Synthetizando seus argumentos, diz o autor:

- a) Na Europa a guerra de trincheiras impôz, até certo ponto, a substituição de homens por máquinas de guerra de tiro curvo e rasante dos mais variados calibres.
- b) Possivel remuniciamento de acordo com as necessidades, graças aos abundantes meios de transporte.
- c) Immensa extensão das frentes de batalha, flancos apoiados, com absoluta impossibilidade de manobra sobre os mesmos.
- d) Necessidade de buscar a decisão pela ruptura das frentes e, consequentemente, a imposição de aumentar ao maximo a potencia de fogo pelo emprego de numerosos engenhos de guerra.
- e) Maior faculdade de Commando.

Ante um possivel conflito sul-americano, compara o Coronel Molina essas premissas com a nossa situação e meios, e sustenta que tal guerra se revestiria de um caracter inteiramente distinto, porquanto, na maioria das circumstancias, seria uma guerra de movimento; que as frentes dos belligerantes não passariam de 50 a 60 kilometros; que a liberdade de manobra permittiria encontrar a decisão sobre os flancos; que a falta de uma ampla rede de ferro carris ou estradas de rodagem tornaria precario o remuniciamento, e que, portanto, a orga-

nisação da infantaria requer maior quantidade de homens armados de fusil que de armas automaticas, para obter-se o exito pelo choque e á bayoneta.

Desses conceitos deduz a conveniencia de restabelecer-se na Divisão o quarto regimento de infantaria, suprimindo-se, em compensação, as companhias de lança-bombas e granadas de mão, e reduzindo-se simultaneamente o numero de metralhadoras leves e pesadas dos batalhões e companhias, reforma essa que considera tanto mais necessaria quanto menor é a sua confiança nas possibilidades de transporte e remuniciamento de accordo com as exigencias das armas modernas.

Cumpre, antes do mais, examinar até que ponto são exactos os argumentos que serviram de base a taes conclusões e para isso amparo-me na vultosa bibliographia de post-guerra, fonte de nossos actuaes ensinamentos. Ella evindencia, de maneira incontestavel, que não foi a guerra de posições que impôz a organização ternaria nem a exigencia de uma maior faculdade de commando.

Com effeito, não se revistiu a grande guerra dos mesmos aspectos em todos os theatros de operações e convém recordar que em seu inicio, ella caracterisou-se, nas duas frentes principaes, por uma actividade de movimento até então desconhecida. Somente depois, com o equilibrio das forças, estabilisou-se no oeste, apresentando francamente a physiognomia de guerra de posição. A leste, no entanto, verificaram-se as alternativas de movimento e posição impostas pelos elementos em jogo, até que dominou a primeira das formas citadas com as manobras de flanco de larga envergadura, não obstante a escassez de bôas comunicações e meios de transporte.

O Coronel Molina incorre em evidente confusão ao attribuir á guerra de posição a causa e origem da transformação operada na organisação da infan-

taria divisionaria de ante-guerra; conviria antes buscal-a no progresso das armas e na extraordinaria efficacia do fôgo, comprovada desde o inicio da lucta.

A vantagem da potencia de fogo ficou desde logo revelada qualquer que fosse a forma de guerra, no ataque como na defesa, donde a necessidade, para obtel-a, de alterar a organisação da Divisão de forma compativel com a sua mobilidade e independencia strategica.

Os acontecimentos encarregaram-se de demonstrar que só tres regimentos de infantaria bastavam, por quanto, nos diferentes theatros da guerra, quer enquadrados quer isolados, satisfizeram sempre ás evigencias da marcha, do estacionamento e do combate.

Jotados amplamente de armas automaticas, canhões de acompanhamento e lança-bombas, combateram em França como na Russia, na Servia, Rumania e Turquia como na Palestina e na Mesopotamia e, por toda a parte, quer se tratasse da guerra de posição ou da de movimento, demonstraram que, com um effectivo muito menor em homens, possuam um poder muito superior ao dos quatro regimentos armados de fusil, da antiga Divisão, já não fallando de uma independencia de acção muito maior, em virtude de maior potencialidade.

As operaçoes realizadas nos diversos theatros tiveram alternativas, comquanto predominasse normalmente a guerra de movimento, com as pausas obrigadas pela carencia de communicações faceis e dificuldades de transporte, em vista do afastamento das respectivas bases.

Ademais, as decisões foram sempre procuradas e encontradas na manobra, sem que fosse mistér alterar a constituição ternaria das Divisões.

Não se explica, portanto, que o Coronel Molina se ampare exclusivamente, para argumentar, na guerra de posição, e della deduza o que se passaria em um theatro sul-americano, pois seria muito mais logico e acertado considerar as operaçoes na Russia, Servia, Mesopotamia ou Africa Oriental, por terem estes theatros de operaçoes maior semelhança com aquelles em que nos tocaria actuar e porque nelles as dificuldades de communicações e transportes superam as que teríamos de vencer nos nossos, não só no tocante á forma do terreno e exten-

são das linhas de operaçoes senão tambem nas que dimanam do despovoamento e falta de recursos.

É fôra de duvida que a ordem ternaria permitte um melhor exercicio do commando já pela maior simplicidade na direcção tactica, já pela facilidade na repartição das tropas para o combate, evitando attritos na transmissão das ordens e o fraccionamento das Brigadas, factos esses que na ordem quaternaria constitue a regra; não é essa, porem, a unica vantagem nem só ella é sufficiente para induzir, como presume o Coronel Molina, a uma alteração tão profunda na organisação da infantaria.

Quanto á profundidade de marcha, é muito menor se se a compare com a de uma Divisão moderna a quatro regimentos

As tropas combatentes de uma Divisão, antes da grande guerra, inclusive trens de combate e distancia necessaria á segurança, tinham uma profundidade de 13 kilometros. Actualmente a de uma Divisão moderna a quatro regimentos pôde calcular-se em 32 kilometros, alcançando á cerca de 47 kilometros se si addicionar as profundidades dos comboios de subsistencias, equipagens de parque e trens, o que significa, no caso de um encontro com o inimigo, que as ultimas fracções das forças combatentes não poderão entrar em combate senão oito horas depois dos primeiros elementos da vanguarda. Supondo, alem disso, que depois de uma marcha de quatro horas, ou sejam 16 kilometros, a vanguarda se choque com o inimigo, ás ultimas fracções do grosso terão que percorrer cerca de 48 kilometros para poder intervir no mesmo dia no combate.

Se é bem verdade que esses inconvenientes poderiam sanar-se fraccionando-se a tropa em varias columnas paralelas, o que nem sempre é possivel em vista das condições do terreno, tambem é certo que em regiões onde o terreno o permite, como succede ao longo de ambas as margens do Uruguay, o numero reduzido de pontos de passagem dos rios obrigarão, a miúdo, á superposição das columnas, com todos os inconvenientes disso decorrentes.

Tambem é possivel reduzir-se a profundidade de marcha da Divisão suprimindo-se, como propõe o Coronel Mo-

lina, certas unidades de que dispõem os exercitos europeus, taes como as companhias de lança-bombas, e diminuindo-se tambem o numero de metralhadoras pesadas que de 12 passarão a 6 por batalhão.

Ora, as 12 companhias de metralhadoras da Divisão de organisação quaternaria, a 12 metralhadoras por companhia, teriam uma profundidade total de marcha de 3.720 metros. A que corresponderia as mesmas 12 companhias, a 6 metralhadoras por companhia, pôde calcular-se em 2.000 metros. As 4 companhias de lança-bombas da Divisão quaternaria alcançam um total de 1.200 metros.

Portanto, com a redução das metralhadoras de 12 para 6 nas companhias e com a suppressão das 4 companhias de lança-bombas seriam ganhos apenas $1.720\text{ m.} + 1.200\text{ m.} = 2.900$ metros.

Em tal caso a profundidade da Divisão quaternaria seria de cerca de 29 kilometros, que deve ser ainda considerada como excessiva.

Como, porem, na organisação dessas grandes unidades, não se deve levar somente em conta a profundidade de marcha, senão tambem e especialmente, a potencia de fogo, cumpre examinar detidamente as suppressões e diminuições propostas no projecto Molina.

De facto, ao considerar o assumpto não se pôde prescindir do efecto das armas de tiro rasante, que obrigam tanto o atacante como o defensor a utilizarem-se de toda a especie de abrigo, quer na guerra de posição quer na de movimento. Donde a necessidade do emprego das armas de tiro curvo, taes como lança-bombas, para combater o inimigo em posição, pelo menos até que que se haja construido um canhão de acompanhamento que satisfaça a ambas as exigencias.

O nosso desenvolvimento industrial incipiente não constitue inconveniente para a producção de munições, porquanto com relativa facilidade e pouco dinheiro poderia sanar-se essa difficultade.

Ademais, não é grande audacia afirmar, que ainda no caso de virem a manter os nossos possiveis adversarios o dominio do mar, não poderiam elles

evitar fossemos providos do exterior por intermedio das grandes potencias industriais, desde que dispuzessemos do credito necessário para adquirir o que carecessemos.

Quanto aos transportes até á zona de operações, é essa tambem uma questão de previsão e de organisação, devendo para isso construirem-se as linhas solicitadas pelo Ministerio da Guerra depois de meditado estudo em que foram consultados, para o traçado definitivo, os interesses commercial e strategico.

O consumo de munições depende menos do numero de machinas de guerra que de uma solida instrucção e bôa disciplina de fogo. Uma tropa disciplinada e instruida consome, em qualquer situação, menor quantidade de munição que aquella que, por falta de instrucção, mais procura aturdir-se com o ruido, que produzir um tiro tranquillo e efficaz.

Não padece duvida, pois, que os problemas da producção, transporte e consumo estão intimamente ligados entre si e são connexos com o da organisação o que não significa que este ultimo deva subordinar-se aos primeiros; bem ao contrario, pois que todos aquellos são estabelecidos em vista da finalidade da organisação. Inverter os termos significaria renunciar a todo o progresso a pretexto de que existem alguns inconvenientes de ordem secundaria que podem perfeitamente vencer-se com previsão e energia.

A campanha realizada pelo General Von Lettow Vorbeck na Africa oriental offerece um testemunho evidente do que se pôde fazer, ainda que luctando contra uma superioridade esmagadora, em um territorio vastissimo, desprovido de comunicações e meios de transporte.

Ao finalisar a campanha e só dispondo, mais ou menos, de um batalhão mobilizado, armado com fuzis, 37 metralhadoras, um canhão e munição necessaria, poude elle enfrentar a situação sem outros recursos mais para o abastecimento do que alguns indigenas que faziam o transporte as costas.

Pois bem, o batalhão argentino da organisação ideal tem mais ou menos o mesmo effectivo e 39 metralhadoras, duas mais do que as que possuia o General Von Lettow, diferença sem importancia mas que sugere as seguintes perguntas:

É possível conceber que um batalhão argentino possa ficar incapacitado de conduzir e abastecer em nossos theatros provaveis 39 metralhadoras, sendo que o General Von Lettow pôde fazê-lo em condições muito mais desfavoráveis?

Como se explica que um Chefe de tão provada experiência não tenha reduzido o numero relativamente elevado de suas metralhadoras devendo marchar e combater em um territorio quasi deserto?

Tambem os mouros de Marrocos acabam de nos dar uma lição muito instructiva, demonstrando em lucta porfiada, que o problema do transporte de munições, em um paiz sem industria e sem communicações faceis, pôde vencer-se sem que se abra mão dos novos elementos de guerra.

Como duvidar então que a redução de metralhadoras pesadas é inconveniente do ponto de vista da potencia do fogo, desnecessaria no tocante ao remuniciamento e inefficaz quanto á diminuição da profundidade das columnas de marcha?

Com relação á redução de metralhadoras leves de 9 a 6 por companhia, não se deve olvidar que no grupo metralhador, composto normalmente de um Chefe e sete soldados, somente o Chefe e dois homens são armados á pistola e os cinco restantes armados á bayoneta, o que significa que a diferença do numero de homens armados a fuzil em uma companhia dotada de nove metralhadoras e outra dotada de seis, é apenas de nove homens, numero esse que em comparação com o effectivo total de 205 homens da companhia é de pouco valor, enquanto que a diferença em potencia de fogo é muito accentuada.

No tocante á decisão pelo choque e á bayoneta, o autor da Defesa Nacional deixa transparecer certas reminiscencias da velha tactica quando se exprime de modo a dar a entender a tendencia do atacante para um assalto simultaneo de toda a linha de ataque, conforme a prática até 1914. Tal conceito é inadmissivel, mesmo para os ataques de flanco na guerra de movimento, deante de um defensor escalonado em profundidade e armado de machinas automaticas.

Citar exemplos a esse respeito seria enunciar toda a sorte de fracassos sofridos pelos belligerantes que o tentaram nos primeiros annos da conflagração; e

foi, precisamente, devido a elles que sobreveio a transformação nos processos tacticos, consagrados posteriormente por uma larga e dura experientia.

Determinado o dispositivo que as tropas devem adoptar no ataque como na defesa, o atacante não poderá proceder senão lentamente e por infiltração na zona da defesa, mediante a co-operação dos grupos conjugados e de tal modo que a efficacia destes resulte da combinação do fogo e do movimento e, eventualmente, da bayoneta. E isso sucede tambem tratando-se ainda de um ataque de flanco, porquanto em virtude da difficultade de progressão a que obrigam as armas modernas, o defensor poderá oppôr, na maioria dos casos, um dispositivo escalonado em profundidade e em condições de fazer frente ao ataque.

Assim pois, o processo para avançar será sempre o mesmo, quer se trate do ataque sobre a frente ou sobre o flanco, e o exito dependerá do emprego prompto e acertado das armas de tiro curvo e rasante, sem as quaes não será possível reduzir, progressivamente, os nucleos de resistencia espalhados pelo terreno.

Tambem a experientia tem demonstrado que a bayoneta não constitue o principal factor de decisão do combate na guerra de movimento e que seu emprego é pouco frequente, salvo nos casos em que se não tenha logrado reduzir pelo fogo alguns ninhos deixados pelas tropas atacantes nos flancos e recta-guarda, no seu esforço de penetração, e nos combates nocturnos.

Na guerra de posição, ao contrario, a bayoneta assume papel preponderante e a razão é obvia, pois o atacante não necessita percorrer grandes espaços sob o fogo mortífero do inimigo, nem fadigar-se demasiado. De um só impulso chega-se ao corpo a corpo, encurtando, desse modo, o tempo, ao defensor, para utilizar suas armas de fogo.

Não quer isso dizer que não haja vantagem em tomar o inimigo de flanco nem que sejam impossiveis os choques á bayoneta. O fogo de enfiada e a influencia moral das acções de flanco terão sempre grande importancia embora, presentemente, os resultados a esperar sejam inferiores aos que se verificavam dantes, em razão do dispositivo em profundidade

da defeza; e quanto aos choques á bayoneta, elles terão lugar por elementos isolados, como já foi dito.

Em resumo, pode dizer-se, de acordo com as lições da guerra, que, desde que se imponha uma penetração methodica, o ataque tem de ser conduzido com o concurso immediato de grande numero de armas automaticas (metralhadoras), canhões de acompanhamento e lança-bombas, isto é, da sufficiente potencia de fogo curvo e rasante capaz de destruir os nucleos de resistencia occultos no terreno.

Importa dizer que a maior potencia de fogo, correspondem maiores probabilidades de exito.

Para o caso especial de destacar-se uma Divisão de organização ternaria, para uma manobra de envolvimento, devendo a mesma Divisão provêr á propria segurança em todas as direcções, bastará reforçal-a com cavallaria, infantaria montada, destacamento de montanha, ou outras forças, conforme sejam os effeictivos do inimigo ou o objectivo a attingir, posto que, suppôr que um exercito de poucas Divisões destaque simultanea-

mente algumas dellas, isolando-as do grosso, para cumprirem missões especiaes, equivaleria a admittir o desconhecimento dos principios da direcção de tropas.

Quando, para a marcha, se impuser a necessidade de prover, ao mesmo tempo, a segurança da frente e a de um dos flancos, o fraccionamento será sempre proporcional á força disponivel e, quando o terreno o permitir, a decisão em varias columnas attenderá melhor á defeza dos flancos do que um destacamento especial encarregado exclusivamente disso.

Ademais, na composição das Divisões não se pôde prescindir de considerar os effeictivos do exercito de que elles fazem parte, e quanto menores forem estes tanto mais reduzidas devem ser as tropas grupadas na formação daquellas unidades.

Quanto á suppressão das granadas de mão, penso como o Coronel Molina que taes armas carecem de importancia na guerra de movimento e que, portanto, não constituem, para nós, imperiosa necessidade.

(continúa)

Na senda

Segundo noticiaram os jornaes o Snr. Gen. Ministro da Guerra esteve na Camara em visita á Comissão de Marinha e Guerra. Lá, naturalmente, a conversa se entreteve referida aos assumtos de certos projectos militares apresentados, como sempre acontece, esparsamente, sem attender a ideias de conjunto.

Dentre outros, foi focalizado um que pretendia salvar da derrocada a actual lei do Serviço Militar. Pela sua importancia, chamou para si todas as attenções, na esperança de que ainda nesse fim de anno pudesse ser sancionado.

Ali estava o Ministro interessado na questão, nada mais racional que ouvir-o e, em seguida, dar andamento ao projecto.

S. Excia., porém, achou prematura a intervenção do Congresso em assumpto de tal relevancia, dizendo que não só ao Ministro da Guerra competia o mesmo senão, tambem, aos Ministros da Marinha e do Interior.

**

Registamos esse facto como exemplo digno de imitação da parte daquelles que permanecem com a visão unilateral do problema moderno de defesa militar.

Qualquer que seja o aspecto que se considere desse magno problema, deve elle ser desdobrado de modo a se tornarem nítidas a sua parte technica como as suas faces politicas e sociaes.

Essa coisa de se pretender resolver exclusivamente por conta dos militares as multiphas modalidades da organisação da defesa na-

cional é a principal causa de muitas das lamentaveis reacções politico-militares desses ultimos annos. E' o ultimo reducto em que se refugiou o espirito de classe de antanho, disfarçado sob nova roupagem, talvez mais atrahente para os espiritos vaidosos mas não menos sectario e deploravel em seus effeitos.

**

Como a questão do recrutamento muitas outras existem que continuarão theoricamente no papel enquanto não se appellar, com espontaneidade e confiança, para as energias ainda inaproveitadas da sociedade civil.

Ainda mesmo as mais graves questões podem e devem sahir do ambito estreito das cogitações technicas, para o vasto scenario das actividades politicas e sociaes. Naturalmente, as necessarias reservas serão guardadas desde que se saibam manipular as formulas segundo as quaes essas questões devam sahir do sigillo profissional, devam circular.

Nada nos adiantam maravilhosos planos e exhaustivas concepções, sem nenhuma possibilidade de realização, esterilisadas pelo segredo absoluto.

Devemos imitar as religiões que têm todas a sua parte esoterica, que só os iniciados conhecem e comprehendem, e a exoterica que todos sabem e seguem confiante e fervorosamente.

Esse é o caminho mais curto para a criação do Conselho de Defesa Nacional, orgão sem o qual não poderemos chegar a integrar o Exercito na Nação.

O Pelotão na approximação

(Páginas do livro inédito «O PELOTÃO»)

Pelo Ten. Cel. Paes de Andrade.

A) — IDÉAS CAPITAES

- a) — É preciso que o combate seja conduzido pelos chefes de todas as graduações e o espirito de luta posto em prova pelos quadros sob a forma de vontades conductoras do fogo e do movimento, realizadas com oportunidade. Para vencer é indispensável *querer vencer*.
- b) — Na marcha de approximação, o pelotão progride com seus grupos articulados de modo a não escaparem da mão de seu commandante, afim de que o pequeno conjunto possa ser levado lá onde elle deseja, de acordo com as circunstâncias.
 - I) — Se esta cohesão falta, o cmt. do pelotão não pode conduzir a progressão; se os grupos lhe escapam, impossível se torna a realização da manobra no momento opportuno.
 - II) — A dependencia dos quadros subordinados, o entendimento mutuo entre elles e com o seu chefe *commun*, constituem a verdadeira *cohesão*.
- c) — Como qualquer outro chefe, o cmt. do pelotão tem constantemente as necessidades primordiaes de *informar-se* e *cobrir-se*.
 - I) — Estas necessidades são satisfeitas:
 - 1) Pelo reconhecimento constante e cuidadoso do terreno, feito pelos cmts. de grupos e pelo proprio cmt. do pelotão;
 - 2) pela marcha dissimulada, que faz com que o conjunto escape ás vistas aéreas e terrestres, como também aos fogos inimigos;
 - 3) pela ligação estabelecida com os vizinhos e com o cmt. da cia.
 - II) — A dissimulação é a melhor maneira de escapar aos fogos

adversos; o reconhecimento cuidadoso, o unico meio de não se deixar surprehender.

- d) — Na phase da approximação, além da dissimulação e da cohesão do conjunto impõe-se uma necessidade primordial:
 - 1) de manter a *direcção*, determinada pelo angulo de marcha e tomada no terreno por pontos de referencia successivos, de obstáculo em obstáculo.
 - e) — O cmt. do pelotão deve ter sempre presente as tres idéas fundamentaes:
 - 1) Progredir sempre (progressão coordenada, cautelosa e resoluta), rumo ao objectivo;
 - 2) realizar, no momento opportuno, a manobra do fogo que marcha;
 - 3) reagrupar-se depois da acção ou de marcha longa, para restabelecer a cohesão de sua unidade e a articulação no ambito da companhia.
 - f) — Nesta primeira phase do combate, principalmente em seu ultimo periodo — o engajamento — o pelotão pode realizar ataques a objectivos particulares ou agir em conjunto num ataque levado a cabo por sua companhia, afim de vencer as pequenas resistencias espalhadas pelo inimigo, as quaes constituem a cobertura da posição de seu grosso.
 - I) — Engajada a sua unidade, o cmt. do pelotão arrasta sempre a reserva que teve o cuidado de conservar, para applicá-la onde a progressão se torna mais facil, executando a manobra.
 - II) — Vencida a resistencia, a approximação continua, até o momento em que o conjunto das tropas atacantes chegue a uma

linha do terreno de onde partirá o ataque geral á posição principal adversa. Este ataque geral será então *montado*, isto é, preparado, acompanhado e coberto pela artilharia.

III) — A unidade de movimento é o grupo, eventualmente, a esquadra, prestando-se constantemente os grupos um mutuo apoio, para que se torne possível levar o fogo para a frente.

B) — MISSÕES

- a) — Todas as decorrentes da missão dada á companhia.
- b) — Destacamento de ligação;
- c) — flanco guarda.

C) — FORMAÇÕES

a) — As formações da approximação têm por fim permitir o avanço ao encontro do inimigo com o maximo de invisibilidade, mantendo sempre o pelotão na marcha *em guarda* e evitando que seus grupos sejam apanhados de uma só vez pela explosão de uma unica granada da artilharia inimiga.

I) — Elas se prestam á passagem rapida ao ataque, caso seja necessário.

b) — Os grupos são articulados na zona atribuida ao pelotão de modo a attender:

- 1) As indicações dadas pelo capitão;
- 2) á necessidade de não embaraçar os vizinhos;
- 3) á necessidade de conservar sempre a accão directa de seu commandante sobre os cmts. de grupos e a destes sobre os das esquadras;
- 4) á perfeita adaptação ao terreno;
- 5) á facilidade de passar rapidamente ao ataque.

c) — Conforme as circumstancias, será adoptada uma das formações seguintes:

I) — LOZANGO, que corresponde, em geral, ao caso do pelotão

como vanguarda de sua cia., e é tomada quando o terreno se apresenta mais ou menos descoberto e a frente é larga.

1) Esta formação satisfaz ás necessidades medias do combate e constitue um bom dispositivo preliminar de ataque, pois permite a passagem rapida a qualquer outra formação, como tambem a execução da manobra por qualquer dos flancos, deixando sempre um dos grupos de reserva, para ser empregado de acordo com as circumstancias.

II) — *COLUMNA DUPLA*, que convém a uma frente relativamente larga, para o pelotão enquadrado, e se adapta bem a um terreno semi-coberto e de dificil exploração.

1) É a formação typica da reunião no combate;

2) Excellente para iniciar o ataque, pois além de ter na frente a potencia immediata de dois F. M., os grupos do segundo escalão pôdem executar a manobra rapida por qualquer dos flancos.

III) — *ESCALONADA*, especialmente apropriada á cobertura de um flanco, permitindo, quando o pelotão tem a missão de ligação entre duas unidades, agir em flanqueamento, quando uma dellas se adeanta muito, ou a outra é detida pelo inimigo.

IV) — *TRIANGULO*, mais propria ao pelotão que somente dispõe de tres grupos; convém, entretanto, no caso de ter quatro grupos, á cobertura de uma frente muito larga, ou quando se prevê uma accão muito rapida e na qual seja preciso applicar a maxima potencia de fogo do pelotão.

1) É uma boa formação para desembocar de uma base de partida para o assalto (base para a frente).

- V) — *XADREZ E TRAPESIO*, modalidades da columna dupla, permittindo a primeira o fogo dos grupos recuados nos intervallos dos avanços, com a condição da distancia ser menor que o intervallo entre elles.
- 1) O xadrez serve tambem para cobrir uma frente excepcionalmente larga e permite cobrir um flanco (lado do deslocamento do quarto grupo);
 - 2) ò trapezio tem as mesmas vantagens da columna dupla, permittindo ainda os fogos de flanqueamento em relação aos grupos avançados e aos flancos destes.
- d) — Quando a cia. lança somente um pelotão para cobrir sua zona de marcha, a formação deve ser escalonada em largura de modo a cobrir toda a frente, sem contudo manter alinhamento entre os grupos.
- 1) — Se o primeiro escalão da cia. é composto de dois pelotões, cada um toma a seu cargo a parte que lhe coube e se esclarece por um ou dois grupos, o sufficiente para evitar a surpresa.
- e) — Se o pelotão está em escalão recuado, a formação será a que mais se adapte ao terreno.
- 1) — O movimento ao entrar na zona dos fogos provaveis da infantaria adversa far-se-á por grupos em linha de columna de esquadras por um, com distancias e intervallos variaveis, de modo que a formação se apresente pouco vulneravel ao fogo e escape ás vistas aereas e terrestres.
- f) — Em principio, quando ha possibilidades de encontro, a formação de approximação deve prestar-se á passagem rapida ao ataque.
- g) — Para a marcha de approximação á noite ou atravez de terrenos cobertos, a formação será a mais reunida que fôr possivel.
- h) — O pelotão pôde ainda em caso de surpresa, tomar uma formação, na

qual todos os grupos ou parte delles fiquem em *formação de ataque*.

- i) — Em qualquer das formações citadas, os intervallos entre os grupos não devem exceder de um certo limite, que é dado pelo dupla necessidade de manter a accão do commando e bater efficazmente todo o terreno intermediario.

D) — DEFINIÇÕES

- a) — *Reunião articulada* é a formação especial que toma uma tropa, tendo o seu grosso mais ou menos reunido e em condições de agir numa direcção qualquer em favor de vanguardas já lançadas de antemão nessas direcções. Taes direcções são determinadas de acordo com a situação tactica, o terreno e a vontade do chefe de agir deste ou daquelle modo, segundo as circunstancias, as ordens que recebeu ou pôde receber, ou por outra, segundo a missão que terá possivelmente de cumprir. A formação tomada pelo grosso não será uma formação regulamentar e sim adequada ao terreno, irregular, aproveitando tudo o que fôr possivel para abrigar-se das vistas e dos fogos inimigos. Uma ligação perfeita dará a coesão a esta articulação.
- b) — *Pelotão base* é o que dá a direcção ao dispositivo de marcha de approximação da companhia. É indicado pelo cmt. da cia. e na falta dessa indicação — o 1.º pelotão.
- c) — *Grupo base* é o que dá a direcção ao pelotão. Quando o pelotão não é base da cia., o seu grupo base deve ser o que fica do lado do pelotão base da cia.
- d) — *Idéa de manobra* é a traducção da vontade do chefe, dada pelo dispositivo da tropa e pelo objectivo a conquistar.
- E) ACTIVIDADE DO CMT. DO PELOTÃO NA APPROXIMAÇÃO
- a) — *Ao sahir da estrada:*
- 1) — *Recebe a ordem* do cmt. da cia.; lê e medita um pouco.
 - 1) — *leva o seu pelotão* ao lugar indicado pelo capitão e

ahi articula os grupos em uma zona que não deve ter mais de 200 m. de profundidade e outros tantos de largura. Esta superficie é bastante restricta para que possa exercer directamente a sua acção sobre os grupos e sufficientemente ampla para que os grupos, disseminados nesse espaço, possam ter liberdade em seus movimentos;

- 2) *reune os seus cmts. de grupos e o cerra-fila e leva-os a um ponto do terreno de onde possam ver para a frente;*
- 3) *da-lhes todas as indicações necessarias sobre a situação tactica do inimigo, e as correspondentes á unidade superior de que faz parte o pelotão;*
- 4) *mostra-lhes o terreno a percorrer;*
- 5) *communica-lhe o que for necessario da ordem que recebeu e dá a sua:*
 - Missão da cia;
 - missão do pelotão;
 - direcção de marcha (dada por ponto de referencia bem visivel e fixo).

— *Grupo base.* Se o pelotão não é base da cia: *pelotão base da cia.* (intervallo e distancia a que deve marchar o grupo base do pelotão);

— *dispositivo do pelotão* (distancia e intervallos a que devem marchar os grupos do pelotão com referencia ao grupo base);

— P. C. do comt. da cia. P. C. do cmt. do pelotão;

— *Ligações:*

— no ambito do pelotão: Homens de communicação entre os grupos e com o cmt. do pelotão; homens que o devem acompanhar; signaes convencionaes;

— no ambito da cia.: Ligação com o Capitão (meio);

ligação com os grupos vizinhos (que os grupos as fazem) —

- II) — Colloca o grupo base frente ao ponto de referencia, na base de partida de determinada pelo capitão.
- III) — Verifica ou manda verificar pelo cerra-fila se os outros grupos tomaram a formação determinada e estão em condições de iniciar a marcha.
- IV) — A' hora ou ao signal dado pelo cmt. da cia. inicia a marcha, guiando seu pelotão.

b) — *Durante a progressão.*

- 1) Determina o itinerario do grupo base;
- 2) Mantem constantemente a direcção e faz reconhecer minuciosamente o terreno, observando pessoalmente sempre que isso seja possivel;
- 3) por intermedio do cerra-fila se os grupos estão mantendo os intervallos e distancias que determinou; cuida que a marcha do pelotão não embarace o movimento dos pelotões vizinhos. No caso de ser forçado a ganhar terreno sobre a zona de um vizinho, procura ocupar o menor espaço possivel e retoma sua zona de marcha com a maior brevidade, logo que desapareça a causa que o forçou a desviar-lhe;
- 4) progride por lances de todo o pelotão ou se isso não for possivel, por lances de grupos, alcançando sucessivamente as linhas do terreno que tem de attingir;
- 5) modifica a formação caso o terreno o obrigue, retomando-a logo que a causa cesse;
- 6) mantem, pelos agentes de communicação a ligação com os grupos, como tambem a ligação com o cmt. da cia. pelos agentes envia-

- da cia. pelos agentes enviados pelo capitão, ou na falta destes por um estafeta do pelotão. Estas ligações devem tanto quanto possível ser feitas á vista;
- 7) verifica se está sendo feita a ligação com os vizinhos e se os grupos estão cumprindo em regra as prescrições da marcha, dissimulação e direção.

c) — *Attingido o obstáculo* no qual se acha o ponto de referência:

- 1) Restabelece a ordem, não se esquecendo de cobrir-se por patrulhas que ocuparão os pontos de observação na frente; restabelece as ligações;
- 2) observa pessoalmente (com os cmts. de grupos se fôr possível) o terreno em frente e determina novo ponto de referência;
- 3) dá o sinal de partida para o novo lance.

d) — *Ao deparar com o inimigo:*

- 1) Faz tomar o dispositivo conveniente; determina o lugar do cerra-fila partecipa imediatamente ao capitão;
- 2) se o fogo começa, trata de realizar a manobra do fogo que marcha;
- 3) mantém mais do que nunca a ligação com os vizinhos e com o capitão.

E) — PRESCRIÇÕES PARA A MARCHA

- a) — A progressão do pelotão se realiza ou por lances de todo o conjunto ao mesmo tempo ou grupo a grupo.
- b) — Os grupos subordinados regulam sua marcha pelo grupo base, tratando de conservar as distâncias e intervalos. Estas distâncias e intervalos podem ser momentaneamente alteradas se o terreno assim o exigir, mas devem ser retomados logo que cesse a causa.
- c) — Quando o pelotão não é base da cia., o grupo base regula sua marcha pela do pelotão base, mantendo

as distâncias e intervalos determinados na ordem do cap.

- d) — Os pontos de passagem obrigatórios (pontes, garganta, estrada que é preciso cruzar e que são visíveis de longe), serão abordados com toda a precaução e transpostos de conformidade com as circunstâncias;
- e) — As passagens das cristas demandam muita atenção. Elas são executadas, conforme o caso, de surpresa com todo o pelotão ao mesmo tempo, levando os grupos até bem junto á crista e fazendo uma lancer rápido e longo para ganhar uma coberta em frente, ou ainda por grupos, esquadras ou mesmo homem a homem. A passagem dos grupos não deve ser sempre no mesmo ponto.
- f) — As saídas dos matos, da orla das povoações, como de qualquer linha bem marcada sobre o terreno, merecerão também especial cuidado. Estas linhas devem ser largamente ultrapassadas para evitar o fogo da art. que pode ser sobre elas desencadeado.
- g) — Atravessia dos lugares pantanosos e matos fechados, etc., devem ser estudadas de antemão e realizadas com toda precaução.
- h) — Os grupos progredem aproveitando as cobertas e abrigos do terreno com a preocupação de dissimular-se inteiramente as vistas inimigas.
- i) — A reunião será sempre feita atrás de um abrigo e coberta por patrulhas.
- j) — Para as prescrições referentes aos grupos de combate (vide GUIA DO CMT. DO GRUPO).
- k) — O cmt. do pelotão, o cerra-fila e os cmts. dos grupos abstêm-se de qualquer gesto inútil que os denuncie ao inimigo, quando não estejam completamente desenfiados ás vistas.
- l) — Quando o cmt. do pelotão se afastar para a frente, ao cerra-fila compete transmitir á tropa os seus signaes.
- m) — Os comandantes de grupos terão a constante preocupação de deixar sempre enquadrada a esquadra da arma automática; as esquadras de volteadores serão, pois, sempre colocadas para o lado externo da formação.

Uma questão de Direito n'um processo militar

Pelo Cap. *Silva Barros.*

(Official de Administração)

Cada Official do Exercito é um Juiz Permanente.

As nossas Escolas Militares, no entanto, pouco tem cuidado da feitura do Juiz Militar, uma das funções mais importantes que o official tem a desempenhar, no dominio da vida pratica.

De um modo geral, o official vive desviado, permanentemente, da Legislação e da Jurisprudencia.

A carreira do Serviço ou da Arma, cheia de obrigações outras, attrahe o official para o estudo da Scienza, da Arte, da Tactica, da Estratégia, dos processos modernos de combate, da Economia Politica, da Topographia, etc.

Mas, o lado administrativo, tem sido pouco cuidado, senão abandonado pelos nossos camaradas.

É pena!

Os Auditores de Guerra, bachareis habituados a mallear o Direito, quasi sempre dão ao caso a sua opinião pessoal, baseada, naturalmente, no seu modo de interpretar, e, os nossos camaradas, alheios quasi sempre á materia, não têm recursos para dizer outra cousa.

Ora, muita vez o Auditor pensa de um modo e submette a sua opinião ao Conselho, para que este, com a sua alta sabedoria, usando de sua independencia, contrarie ou acceite a questão proposta.

Sem muita argucia, vê-se mesmo que os Auditores procuram executar a Justiça, mas nem sempre são auxiliados pelos Conselhos.

Como resolver a questão?

Crear um corpo de Juizes Militares? Pensamos que não.

Poderíamos, por exemplo, sem outras vantagens, lançar mão dos Auditores com mais de cinco annos de effectivo exercicio no cargo, nomeando-os professores de Direito Penal Militar em todas as Escolas Militares.

A Escola Militar, seja de Serviço ou de Arma, necessita de um estudo acurado de Direito Penal Militar.

As questões praticas de feitura de inqueritos, lavratura de flagrantes, e demais rudimentos, deveriam constituir a instrucção do sargento, neste particular.

Quantas vezes commettem-se crimes sobre crimes nos quartéis e os criminosos ficam presos disciplinarmente, porque a ignorancia e a falta de pratica dos nossos camaradas prejudicam o flagrante, o corpo de delicto, o exame pericial, a tomada de contas, o numero de testemunhas, etc...

Parece opportuno lembrar esta parte importantissima da instrucção profissional dos militares.

Hoje citaremos, para iniciar o nosso estudo sobre tão palpitante assumpto, uma questão de Direito n'um processo militar.

Eis-a:

Um accusado, preso por crime politico-militar, achava-se incommunicavel, quando foi iniciado o summario de culpa.

Chamado á presença do Conselho para ser «qualificado» (art. 202 do Cod. da Just. Mil.) apresenta, nos termos do art. 209 do mesmo Código, o seu advogado.

Acontece, porém, que a escolha recae sobre o nome de um Auditor em disponibilidade. O Conselho precisa de saber que os Auditores não podem advogar no fôro militar, mas, neste meio há tambem um crime politico, classificado como civil. Apparece, então, a necessidade do Auditor explicar ao Conselho que este não pode acceitar o advogado indicado.

Nomea-se outro.

Prosegue o processo.

O advogado da defesa, na primeira reunião do Conselho, requer seja suspensa a incommunicabilidade do accusado, nos termos do art. 213 do Cod. da Just. Mil., que diz:

«O ACCUSADO PRESO PODERÁ SEMPRE CORRESPONDER-SE, VERBALMENTE OU POR ESCRITO, COM O SEU ADVOGADO OU CURADOR».

É suspensa a incomunicabilidade do accusado, mas, tão sómente quanto ao seu advogado.

A familia do accusado não o pode visitar.

Reune-se o Conselho; a defesa, invocando o § 16 do art. 72 da Constituição Federal, requer ao Conselho seja ampliada a communicabilidade do accusado, afim de que este possa receber outras pessoas.

— É puramente uma questão de Direito que se levanta no caso.

— Como votar, na qualidade de Juiz independente?

Suprema necessidade de conhecimentos de Direito Penal Militar!...

O Official deve ser uma especie de rabula criminalista, no ponto de vista do Direito Puro.

Ora, o preceito constitucional invocado, assim doutrina:

« AOS ACCUSADOS SE ASSEGURARÁ NA LEI A MAIS PLENA DEFESA, COM TODOS OS CURSOS E MEIOS ESSENCIAES A ELA, DESDE A NOTA DE CULPA, ENTREGUE EM 24 HORAS AO PRESO E ASSIGNADA PELA AUTORIDADE COMPETENTE, COM OS NOMES DO ACCUSADOR E DAS TESTEMUNHAS ».

Tem a palavra o Dr. Promotor, que sustenta a inelasticidade do citado art. 213 do Cod. da Just. Mil, dizendo mesmo que si a lei é severa, encontra justificativa na propria necessidade de dureza no regimen militar.

O Dr. Auditor, com a sua palavra autorizada, com rara felicidade, sustenta o seu voto anterior, dizendo que o Conselho não tem competencia para ampliar a Lei e, si assim o fizer, vae tolher attribuições do Chefe do Executivo, conferidas pela propria Constituição, quaes sejam as de decretar o estado de sitio, etc.

Diz mais que a communicabilidade do accusado com outras pessoas é prejudicial ao estado anormal que o Paiz atravessa, visto que o Governo informa que o accusado é considerado elemento pernicioso á ordem publica.

Acaba, dizendo que, si não fôra o exposto, pensaria de outra forma, etc...

— E agora, que resta ao Juiz independente?

Haverá ainda alguma duvida sobre o voto?

É excusado dizer que os juizes militares, deante da logica e da verdade

expostas pelo Auditor, renderam-se e votaram com este.

A Defesa, usando do direito conferido pelo art. 276 do Cod. da Just. Mil, não se conformando com a decisão do Conselho, agrava para o Supremo Tribunal Militar.

É aceito o agravo.
Prossegue o processo.

Um voto vencido:

Um Juiz mais compenetrado vota vencido e, para justificar o seu procedimento, escreve:

«... Voto pelo cumprimento do preceito constitucional, porque a isto me obriga o Accordam do Supremo Tribunal Federal, de 5 de Novembro de 1919 (publicado no « Diario Official » de 25 de Abril de 1922, pags. 7.932, 1ª column), que determina:

«... Sobre que (em processo regular) se lhe depare disposição de lei, ou de regulamento, em antagonismo com a Constituição da Republica, o Poder Judiciario tem de cumprir, sem vacilações, o elementar dever de não applicar essa disposição ao caso occorrente como se ella escripta não estivesse, para assim manter o imperio da lei fundamental, lei das leis, que a todas sobrepuja. Não ha conveniencia de ordem processual, nem commodidade pratica, em execução de lei ordinaria reguladora de determinado instituto jurídico, capaz de deslembra a preeminentia da Constituição da Republica...»

Em quanto este Accordam não for derogado, por quem de direito, considerando que a lei julgou-me capaz de ser Juiz e deu-me amplos poderes de pensar e de agir, sou de opinião que sacrifique-se a lei ordinaria e cumpra-se a Constituição da Republica, na fórmula do Acc. citado...»

Como vemos, camaradas, o official tem imperiosa necessidade de conhecer um pouco de Direito, visto que, em carácter permanente elle é um Juiz que vae decidir sobre a vida ou sobre a sorte dos seus camaradas ao serviço das armas.

Cuidemos, pois, da nossa formação como Juizes.

Rio, 1926.

O Mimetismo

(da Revista Militar Argentina — Cel. Smith)

Pelo 1.º Ten. *Alcindo Pereira*.

1. — Considerações retrospectivas.

Tem sido necessário ao homem o correr dos séculos e mais séculos para aproveitar as grandes lições que generosamente lhes proporciona a mãe Natureza.

Afóra o tempo, foi preciso também sofrer os ataques da adversidade para aproveitar a sabedoria daquelas lições.

Sem embargo, inconstante por egoísmo e mais predisposto à amplexa que à actividade, não tardou em esquecer-las em face dos dias mais serenos e cheios de luz.

Assim evidenciava mais uma vez, o nenhum caso que fazia das lições que constantemente lhe oferece um dos elementos naturais com que mais vive em contacto: — a água.

Com efeito: sob a forma de gota, a água nos proporciona o ensinamento mais luminoso do quanto se pode conquistar com a perseverança, branda, porém, inquebrantavelmente aplicada, ao perfurar o mais resistente e duro penhasco.

De outro lado, unidas entre si essas gotas líquidas e formando o arroio, que se lança sem vacilações até ao seu destino, diz-nos o quanto se pode obter com uma solidariedade sem rivalidades e uma actividade sem desmaios, ao levar a plenária de vida que transmite a todas as comarcas por onde passa.

Pelo contrário, se se detem, perde a força anímica que a fez vitalizadora e fecundante, estagna-se, transforma-se em pântano e fóco de todas as larvas inimigas da vida.

A lição que promana destes factos naturais é clara e inconfundível: *a inércia ataca as fontes de vida, corrompendo-as.*

2 — O tipo clássico grego.

O homem esporeado pela adversidade, recorre à Natureza em demanda de suas lições, que esquece logo que o acicate do perigo for substituído por horas de paz e de prosperidade.

A Grécia antiga no-lo prova luminosamente.

Abisma pensar o que seria do tipo actual de homem, se os processos postos em prática pelos espartanos, por exemplo, para produzir o arquétipo de homem forte, sóbrio, valente e resistente a todos os sofrimentos, houvesse continuado, aperfeiçoando-se, até nossos dias.

Não obstante, não tem sido assim. Apezar dos séculos transcorridos, estamos ainda na tentativa de acercamo-nos daquele tipo clássico grego.

E, todavia, nem sequer se tem podido desterrar das tendências da juventude masculina sua predisposição para o homem cheio de pretuberâncias musculares, tipo lutador, que é o menos apto para a luta pela vida e o melhor para o cultivo de todas as enfermidades.

O tipo plástico, o helênico da antiguidade, aquele desprovido de linhas fortemente cesaltantes, que em lugar do desequilíbrio externo com o interno, buscou o jogo harmônico e perfeito dos músculos vitais, dos quais se deriva a agilidade e a força, esse tipo de homem não satisfaz à generalidade dos mortais.

E tam cego é seu afán de produzir o músculo proeminente, desenvolvido em detrimento da vitalidade e harmonia orgânica geral, que todavia subsistem os chamados grandes aparelhos e enormes pesos com que muitos atentam contra a própria vida.

A ginástica natural pelos meios naturais: — flexionamentos, saltos, corridas, marchas — em contacto directo com os tres agentes vitais da natureza: água, ar e sol, bastam para formar o arquétipo do homem forte, sôa e resoluto.

Esta é uma verdade até pouco tempo esquecida e que muitos pugnam por fazê-la reviver, seguindo o exemplo que Licurgo nos dera 800 anos antes da era de Cristo.

3. — O mimetismo.

A adaptabilidade do homem ao meio de vida, nós a consideramos como uma

das formas do mimetismo, o qual, a nosso juízo, não consiste exclusivamente em *imitar*, senão especialmente em *adaptar-se*.

Para esse efeito, recorde-se que o mimetismo não só tem por objecto a defesa do indivíduo, mas também a de atender a premente necessidade de viver. Mais que a simulação na luta pela vida, como o classificára Ingenieros, o mimetismo é, pois, a necessidade de adaptação ao meio em que se actua, para poder existir.

Como é lógico, esta adaptabilidade tem infinitas maneiras de manifestar-se, segundo sejam os meios com que a natureza haja dotado os indivíduos, variando desde a amiba e o infusório até ao homem, o melhor dotado, por possuir inteligência e os meios de tornar efectivas suas concepções.

E cabe chamar a atenção sobre um facto que os pacifistas a *outrance* esquecem sempre.

4. — *O mimetismo na luta pela vida.*

À medida que os meios de luta de que dispõe o indivíduo se vão acen-tuando em potência e eficácia, menos necessita recorrer aos disfarces e à astúcia, bastando-lhe sua própria aptidão para opôr-se triunfalmente a todas as circunstâncias.

Assim, para o pulgão das plantas, carecente em absoluto de meios defensivos, a segurança de existir estriba-se em confundir-se com a côn da folha em que vive, porque o contrário acarretar-lhe-hia uma destruição imediata.

Outros animais, incapazes de buscar por si mesmos os meios de subsistência, tem que enganar suas vítimas, aparentando o que não são, afim de que estas confiadas, caiam nas rês tecidas pela astúcia de seus victimários.

Os pássaros, que são insectívoros por excelência, obrigam a muitas espécies a aguçar o mimetismo, adquirindo a forma, côn e ás vezes até o odor de espécies que os pássaros não atacam, devido à repugnância ou a outra causa qualquer.

5. — *O homem e o mimetismo.*

Ao homem confiado em sua capacidade para a luta nunca lhe ocorreu

apelar para o mimetismo afim — de opôr-se ao seu maior inimigo: — o homem.

Pelo contrário, na antiguidade era habitual nas tropas recorrer ás pinturas e vestimentas mais grotescas para infundir pavor a seus inimigos. Pouco a pouco, e á medida que, desde Fontenoy, os campos de batalha foram se convertendo num como que terreno de honra, o militar recorria aos seus trajes mais atrativos e luxuosos para nêle apresentar-se.

Foi por isso que os nossos velhos e gloriosos soldados foram vistos apresentar-se nos campos de batalha da guerra do Paraguai, como em uma parada, luzindo os uniformes das grandes cerimônias, para tributar assim uma homenagem muito merecida ao heróico e circunstancial adversário.

6. — *mimetismo e o progresso das armas.*

Esta exibição aparatoso de valor e cortezias guerreiras, porém, não podiam durar muito tempo, em face do poder criador da inteligência humana.

Os fuzis de faísca desapareceram, dando passo aos de retrocarga, por sua vez desalojado pelo de depósito; a metralhadora se impôz com seu poder destruidor cada vez mais crescente, e o canhão completou o quadro, conquistando aptidão para destruir todos os alvos a todas as distâncias.

Os uniformes vistosos já não eram admissíveis; nem sequer com as linhas de atiradores com que a Revolução Francesa se impôz nos campos de batalha.

Quem quer que se apresentasse fazendo gala do valor aparatoso de outros tempos, caía vítima de sua própria imprudência.

As hecatombes de Saint Privat haviam de reproduzir-se de novo com os alemães, na guerra mundial, e assim como em 1870, o Rei Guilherme da Prússia recomendára mais calma para deixar intervir com maior eficácia a artilharia, e melhor aproveitamento do terreno, o mesmo havia de ocorrer na guerra mundial.

7. — *O mimetismo e a guerra mundial.*

O ingente sacrifício de vidas imposto pelos combates actuais, obrigou o homem

a apelar para todas as argúcias afim de diminui-lo.

E então pensou nas lições da mãe Natureza e recorreu ao mimetismo salvador, isto é, que em face dos perigos criados por sua própria inteligência o homem se sente apenas um infusório.

E naturalmente, nós que não podemos ficar atrás de todos os aperfeiçoamentos, o adotámos e o regulamentámos.

8. — *Perigo do mimetismo.*

O mimetismo, porém, do mesmo modo que o alimento e a ginástica tam necessários á vida, converte-se em uma arma perigosa e portanto prejudicial, quando não aplicada com inteligência e oportunidade.

Isto é evidente, e como tal, não necessita uma abundante demonstração.

Se retomarmos o caso do pulgão das plantas, é o caso de perguntarmos

para que serviria seu mimetismo se adquirisse uma côn que o denunciasse francamente por seu contraste com o verde da folha em que tivesse pousado?

E este perigo deve ser salientado constantemente, porque não faltam os que recorrem a meios artificiais contrários ao real das cousas.

9. — *O mimetismo em nossas tropas.*

Assim, quantas vezes temos visto soldados que, segundo os ensinamentos recebidos, se circundam de capim arrancado do solo para atravessar terrenos dêle desprovidos!

Claro que nestas condições, o mimetismo é uma arma de dois gumes, que serve mais para cortar a quem a emprega.

Nesta forma, mais valerá não recorrer a êle. E' o que convém repetir para evitar degenerações, sempre prejudiciais.

Semana da Marinha

Como é do domínio publico, realizaram-se de 13 a 20 do mez proximo passado os festejos consagrados á installação da Casa Marcial Dias e mais homenagens ao nosso Marinheiro.

A margem dessas festas ha notar-se a excelente oportunidade que ellas constituiram para que mais se estreitassem os laços entre a Marinha e o Exercito.

Já se vae tornando proverbial o desejo unanime de approximação que ha da parte da Marinha para com o Exercito. Esse é o melhor dos fructos da Missão Naval Americana, que lá pôde amplamente produzir todos os bons resultados visados pela resolução de nosso Governo quando a contratou. Apoada sem reservas pelos chefes mais representativos de nossa Marinha, tudo teem feito os seus membros para a efficiencia technica da Esquadra, objectivo final de todos os seus esforços.

Bem comprehendendo o alcance da referida approximação, o Snr. General Ministro da Guerra compareceu, com todos os Generaes incorporados, aos actos solemnes dos festejos, em que sempre reinou a melhor cordialidade e se reaffirmaram os melhores propositos em que se encontram os ministros das duas pastas militares em vista do *fim communum*.

Quantos aos demais officiaes, as intenções do Snr. Ministro ficaram bem definidas nos termos do Aviso que baixou, comunicando ao Exercito a «Semana da Marinha», e que não nos podemos furtar de transcrever:

«A Semana da Marinha» não se caracteriza apenas por um cunho patriotico; ella tem, so-

bretudo, uma elevada significação para os sentimentos de todos os brasileiros pela sua beleza moral, profundamente altruistica em sua finalidade.

Essa finalidade consubstanciada em uma expressão de amor, vínculo indissolvel da solidariedade humana, é um doce appello aos bons corações patrióticos, para que todos, sem distinção hierarchica, auxiliem a criação da «Casa Marcial Dias», que dará abrigo e educação aos filhos dos sub-officiaes, inferiores e praças da Armada.

Não é preciso exaltar a benemerencia de tão caridoso emprehendimento, para que elle vingue, frutifique e venha a cobrir de bençãos os seus bemfeiteiros.

O Exercito irmanado pela mesma comunhão de idéas e sentimentos com a Marinha, não deixará de concorrer jubilosamente para o brilho de todos os actos e solemnidades da gloriosa semana.

E isso será nada mais que uma solemne afirmativa á Nação de que a Marinha e o Exercito se educam pela mesma cartilha de cívismo, confraternizando, sem discrepancias, nas conquistas liberaes do tempo de paz, como nas lutas crueltas da guerra.

Assim tem sido em todos os tempos; assim ha de ser por todo o sempre.

O ministro da Guerra está seguro de que, tanto os senhores generaes como officiaes e praças do Exercito receberão com entusiasmo o convite que ora transmittiu aos seus camaradas desta capital e dos Estados, onde cheguem os écos das commemoações do marinheiro ».

“SUGGESTÕES”

A PROMOÇÃO POR BRAVURA

A actual lei de promoções (lei de 1891) e suas modificações posteriores consignam somente tres principios normaes de acceso: antiguidade, estudo (curso da arma) e merecimento.

Accidentalmente em seu artigo 13º ella se refere ao de bravura nos seguintes termos: «Actos de bravura assim considerados pelo commando em chefe do Exercito em operações activas dão direito á promoção que será feita pelo mesmo commando em chefe independentemente dos principios acima estabelecidos».

Este laconismo da lei tem sido aproveitado desde 1894 pelos governos de modo irregular e arbitrario, com enorme sacrificio da disciplina e dos interesses do Exercito.

Tora que se cogita de nos dar nova lei de noções, julgo ser opportuno lembrar a concencia de restringir, pelo menos no papel, o arbitrio das autoridades no tocante ao principio anormal de promoção por bravura, como se procura fazer para o caso do merecimento.

Em primeiro lugar, deve-se definir precisamente o que se entende por bravura. Ao nosso ver o acto de bravura deve ser caracterizado por uma accão proeminente, fóra do communum e levada a effeito com desprendimento e risco de vida. Não é o exercicio normal de suas funções no campo da lucta ou o simples facto de ter commandado sua unidade sob o fogo inimigo que destacam o official de seus camaradas, que todos praticaram actos identicos. Só actos de destaque, bem comprovados, devem ser tidos como tal.

Tambem não basta o elogio por actos de bravura em boletim para poder o official ser promovido por este principio. É muito commun distribuirem-se graciosamente epithetos de bravo, possuidor de sangue frio, corajoso, etc., a todos os officiaes e por uma mesma bitola, quer tenham estado sob balas na linha de fogo, quer se deixassem ficar placidamente em um gabinete de estado maior. O acto de bravura deve ser comprovado, a meu ver, por meio de um inquerito rigoroso, em que deponham todos os assistentes da accão e em que se detalhem os seus pormenores. Esse inquerito seria julgado pela commissão de promoções ou por um grupo de officiaes especialmente designados pelo commando em chefe e só depois de seu parecer se decidiria sobre o accesso.

Outros dispositivos analogos que cohibam os abusos do poder são de urgente necessidade porque:

«L'avancement non justifié par des droits assez évidents pour que personne ne les conteste, ne peut qu'allumer des ambitions ilégitimes, excitez chez d'autres et propager dans la masse un esprit de désaffection et de découragement» (General Comte. d'Anthouard — Citação contida em carta do então 1.º Ten. D'ALTRO FILHO, n.º 64 de «A DEFESA» Janeiro de 1919).

Tenente.

**

EM BENEFICIO DA INSTRUÇÃO

O afastamento de officiaes de suas funções normaes na tropa para outras menos penosas, tales como as de carácter burocratico nos diferentes estabelecimentos militares, assume já proporções que convem sejam reduzidas, para minorar os prejuizos da instrucção.

Tal esquivança ao serviço arregimentado, como é facil de suppor, acarreta serios embargos ao desenvolvimento da instrucção, tornando-a quando não impossivel, pelo menos muito deficiente.

E são sobretudo os corpos do interior e os da fronteira, em particular, os que mais sofrem com a falta de officiaes, cujas preferencias se pronunciam mais pelas delicias dos grandes centros do que pelo mourejar proficuo, porém arduo, da caserna em lugares menos agradáveis.

Parecem causas principaes dessa tendência:

— a anormalidade reinante nestes ultimos annos na vida da tropa, tornando muito instavel a situação dos officiaes e produzindo-lhes constantes contrariedades e dissabores;

— a «mandrice» dos que systematicamente fogem dos duros trabalhos da instrucção, aproveitando os «pontos de apoio» que a boa sorte lhes proporciona;

— as contingencias da vida material que levam muitos a procurarem a todo transe situações mais favoraveis para remediar o proprio sustento, sujeitando-se alguns a funções pouco dignas, simplesmente pelo facto de lhes facultar tempo e campo necessarios ao desenvolvimento de outras actividades nemuneradoras;

— enfim, a falta de equidade na distribuição e manutenção dos officiaes nas diferentes regiões do Paiz. Com effeito: enquanto alguns ascendem aos mais elevados postos da hierarquia, sem arredarem pé das 1.ª e 2.ª Regiões, outros ha que uma vez classificados no interior ou na fronteira, não mais conseguem de lá sair, e o que é peor ainda, no fim de algum tempo, não querem mais sair, tão radicados ficam por interesses pessoais em detrimento do proprio aperfeiçoamento e do progresso do Exercito;

— enquanto os que aqui ficam, «inamovíveis», destrutam em grande numero, excellentes casas de moradia e gozam todo o conforto que a grande Capital proporciona, os que seguem para os mais remotos pontos do territorio nacional, alem do onus resultante de longas viagens, lutam com dificuldades nos lugares de destino, geralmente pequenos, para conseguirem casas em condições e soffrem as privações proprias das localidades de pouco desenvolvimento;

— enquanto os que se eternizam nesta Região são recompensados por esse «sacrificio» com a quasi totalidade das promoções por merecimento, os do interior, por maiores que sejam os meritos, ficam esquecidos ou ignorados e são injustamente preteridos.

Tal desigualdade de condições previne os espiritos, até dos mais abnegados, contra a ar-

regimentação, particularmente fora do Rio, a qual passa a ser encarada como o peor dos castigos e por conseguinte indesejável, com real prejuízo para a efficiencia do Exercito.

São essas, a nosso ver, as principaes causas da ogeriza actual pela tropa.

A primeira citada desaparecerá naturalmente com a nova e intelligente orientação que por certo será dada á actividade militar.

A segunda, porém, está a exigir serias e energicas providencias tendentes a reduzir o mais possível o numero de officiaes desviados dos affazeres da instrucao. Sobem já a consideravel numero os addidos ao D. G., o que é incomprehensivel uma vez que existe grande falta de officiaes na tropa, especialmente de chefes. Repartições ha, como os diferentes departamentos da Guerra, em que funcções proprias de civis ou reformados, utilizam officiaes activos. Os Collegios Militares, onde apenas se justifica a instrucao de Infantaria que pode ser admiravelmente ministrada por um só official secundado por alguns sargentos, estão repletos de instructores de I. e de C., com auxiliares, sub-auxiliares, etc...

Até o numero de ajudantes de ordens dos Gen. de Div. poderia ser reduzido a um, se se considera que muito menos falta fazem nessa função do que nos respectivos regimentos, sobretudo na phase actual.

Finalmente a ultima parece ser a mais importante e merece ser tratada com a maxima attenção. Urge que se compense as desvantagens que sofrem os officiaes das garnições afastadas, relativamente aos da Capital Federal.

Cumpre que se eliminem as condições desfavoraveis, tornando aquelles lugares mais preferidos e mesmo disputados, conferindo vantagens de acesso aos que servirem nos pontos de peor categoria e limitando o tempo de estadia quer nos bons lugares, quer nos maus.

A solução destas questões será sem dúvida encarada pela nova administração da Guerra, dada a extensão da crise de officiaes que ora assoberba os corpos. Quasi por toda parte vêm-se officiaes de patentes inferiores nas mais elevadas funcões em substituição de superiores que se deixam ficar commodamente, e sem ser incommodados, no Rio. Disso resulta o desvio de capitães e tenentes de suas attribuições normaes para as seguintes da escala hierarchica, recaindo a difficult tarefa de instruir a tropa, sobre os Commissionados e sargentos que não estão em condições de por si só leval-a a bom termo.

Impõe-se que tudo volte á normalidade, cada um no seu devido lugar e na esphera das respectivas funcões. Assim o exige a efficiencia de nosso Exercito.

Z. (da tropa)

**

PALAVRA OPPORTUNA

Entre as «sugestões» de um dos ultimos numeros da DEFEZA NACIONAL, li, a de uma revisão nos uniformes dos officiaes de reserva.

Tal revisão é, de facto, uma das aspirações de todos os officiaes de reserva, sem excepção, e já consubstanciada em uma proposta

do Ten. Cel. Aristides Pinho, chefe da G.-6, tendo transitado pelo E. Maior: é de crer que se, actualmente, no Gabinete do Ministro da Guerra. A ultima modificação feita nos uniformes dos officiaes de reserva, feita, sem dúvida na melhor das intenções, não logrou impressionar bem; muito ao contrario! Tal modificação, evidentemente, importou em distinguir mui chocantemente os officiaes effectivos, dos de reserva; ao soar a hora da mobilisação impõe-se-ha o desaparecimento de tal distinção, imprescindivel se tornará uniformizar os officiaes effectivos e os de reserva e, então, o tempo que será necessario á confecção de uniformes, patenteará que a tal distinção chocante, redundou ainda, em uma neutralisante de um dos objectivos da classificação dos officiaes de reserva nos corpos: — a rapidez da mobilização —. E' bem possível mesmo, que o tempo necessario á uniformização, exceda ao que seria necessario ás consecutivas apresentações ao D. G. e aos corpos, no caso de não ter sido feita a classificação.

Ainda, algumas conveniencias, existem de se substituir a *mui chocante distinção* por um *mui subtil distintivo*: Dada a mudança de regimen acarretada pela classificação nos corpos, propicia á realização dos dispositivos do R. C. O. R. taes como a recommendação aos comandantes e chefes de serviços para que convidem frequentemente os officiaes de reserva a comparecerem aos quartéis, afim de tomar parte nas conferencias, nos exercícios e nas festas etc., elles se não veixarão de parecer estranhos entre seus camaradas. Ao emvez, sentir-se-hão honrados e desvanecidos e, ao mesmo tempo que, em grande numero, darão, uniformizados, a impressão de serem os quadros do Exercito, de grande amplitude, confundir-se-hão aos olhos do vulgo e, principalmente do estrangeiro, com os officiaes effectivos ficando o menos possivel, conhecidos como officiaes de reserva o que é evidentemente conveniente, visto como, foi julgado necessário o caracter de documento reservado ao Almanack da Reserva.

Por ultimo, o *distintivo subtil*, isto é, o minimo de distinção nos uniformes, redundará, infalivelmente, em um forte estimulante e um irresistivel attractivo aos moços das escolas superiores para o officialato da reserva.

Ouso pois appellar, em nome de todos os meus camaradas da reserva, para o Snr. Ministro da Guerra a que se digne promover ou provocar as medidas sufficientemente habeis para attingirmos á desejada uniformidade. Pediremos ainda, que o *subtil distintivo* seja, á semelhança do em uso no exercito francez, o numero (ou emblema) na golla, oxidado, para o official de reserva.

Imitemos, nisto o exercito francez.

Damasceno de Moraes
Cap. da 2^a Linha.

**

A PROPOSITO DO 3.^o R. I.

A localização de quartéis na zona urbana desta Capital, onde cada vez mais escasseia o espaço, está desde ha algum tempo a reclamar uma medida definitiva que a solucione satisfatoriamente.

Sendo a finalidade unica da instrucao da tropa a sua preparação para a guerra, é obvio que só a conseguirão as unidades que dispunrem de terrenos apropriados para desenvolver os exercícios praticos.

Parece que as exigencias do serviço de guarnição e as considerações de alojamento da tropa, são as principaes razões que dopem oppor-se á mudança de sede.

Uma solução já foi tentada para a primeira, com a criação das Cias. E. destinadas á guarda das repartições militares, alliviando desse modo as unidades propriamente de instrucao. Se bem que fosse um passo dado á frente, ainda não resolveu completamente o problema. Haja vista o 3º R. I. que fornece diariamente um numero apreciavel de homens para a guarda do Cattete e alem disso, vê-se forçado a repetidas guardas de honra.

Estas continuas obrigações diminuem sensivelmente o tempo dedicado ao trabalho productiv já em si tão limitado pela falta de espaço.

consideração da existencia de edificio para o novo aquartelamento, é por sém duvida assás importante e talvez causadora de algum embaraço, mas, certamente reductivel se uma vontade firme quizer sobrepor os primaciaes interesses da instrucao e consequente efficiencia da tropa, a quaesquer outros.

E' deveras lamentavel que as successivas turmas de sorteados que passam por esse Regimento, tenham todo o seu tempo de incorporação empregado quasi que exclusivamente na aprendizagem de evoluções de parada e no improductivo serviço de guarda. Cumpre que se elimine tal anomalia, procurando obter o maximo rendimento no limitado tempo de serviço militar, poupando os conscriptos de todo e qualquer esforço dispensavel.

A retirada do 3º R. I. de Praia Vermelha é, como se vê, evidentemente uma necessidade.

Para liberta-lo dos sobreditos serviços de guarnição e ao mesmo tempo suprir a falta que fará, julgámos uma solução razoavel a criação de uma unidade especial, destinada á guarda pessoal do Presidente da Republica e a fornecer as guardas de honra.

Tal unidade que poderá receber a denominação de «GUARDA PRESIDENCIAL», dispondo de uniforme apropriado, compreenderá um certo numero de companhias (a fixar), constituidas sómente de reservistas engajados por 2 ou 3 annos, recrutados entre os conscriptos que ao findarem o tempo de serviço, desejem alistar-se, prehencham determinado numero de condições selectivas.

Dispõe-se-ha, assim, de uma unidade de escol, capaz de apresentar-se em publico de modo impecavel e cuja instrucao se resumirá na conservação e aperfeiçoamento da já adquirida.

A adopção de uma tal medida equivale a um simples augmento do numero de unidades de Estabelecimento, com a dupla vantagem de libertar o 3º R. I. de taes missões, integrando-o no seu verdadeiro papel, e a de constituir uma tropa especialmente apta ás formaturas protocolares.

Um Infante.

**

«O PROBLEMA DOS COMMISSIONADOS»⁽¹⁾

O Exercito, não obstante achar-se apparelhado, em todos os orgãos da sua machine funcional; ter á sua frente uma pleiade de officiaes intelligentes e cultos, infatigaveis impulsores do nosso desenvolvimento militar, patrióticos sonhadores da sublime cruzada de construcção cívica, requer, comodo, um inadiável retoque na sua organização material e moral, para que, com a introducção de idéas de expansibilidade Nacional, se torne uma força efficiente, uma instituição integrada no respeito do povo e na confiança da Patria.

E' necessario organizar-se o Exercito — alguem já o disse — ampliando-o, melhorando-o em todos os seus aspectos e em todas as suas modalidades; cuidando dos nossos quadros: dando-lhes melhor compleição, mais ampla diffusão de caracteres e preparando-lhes intelligentemente o espirito para que, em dado momento, possam receber o choque das eventualidades!

Não nos esqueçamos tambem que devemos cuidar com especial carinho da evolução systematica da Infanteria que, com o elemento autom. de que hoje dispõe, tornou-se, de facto, a arma preponderante no combate.

Acho que não deverão os nossos chefes descurar tambem do problema da criação e desenvolvimento d'uma efficiente Infantaria Montada, unica arma de efecto positivo, nas nossas campanhas internas, desde que seja ella comandada por officiaes intelligentes na manobra e arrojados no ataque.

Para que melhormente corroborar possamos os nossos propositos, nesse magno problema de defesa da Patria, urge controlarmos a disciplina, estabelecermos a cohesão de idéas e sugerirmos o espirito de classe, pois, sem esses factores de tão alta relevancia, jamais poderemos ser fortes, altivos e respeitados!

Para complemento dessa grande obra, torna-se necessaria, imprescindivel mesmo, a reforma do nosso Serviço Militar — já em elaboração — mas uma reforma que suscite e estimule á mocidade afim de atrahil-a á caserna, dando-lhe mais vantagens e mais conforto; por que, do contrario, não teremos soldados!

E' facto que, no seio do Exercito, o assunto mais palpitante da epoca, é a solução a dar-se ao que, ultimamente, certas publicações mais ou menos tendenciosas e parciais têm chamado com astesimo e displicencia, o «Problema dos commissionados».

Esse nucleo de desprotegidos que vêm desde os seus verdes annos dedicando todo o seu esforço, toda a sua mocidade e toda a sua energia ás lides da caserna, trabalhando com lealdade, amor e patriotismo pelo levantamento do Exercito e pela grandeza da Patria — em torno da qual giram todas as suas esperanças —, hoje, depois que a Nação agradecida lhe confere o titulo de *official* — oferecendo-lhe um galão de commissionado pelo muito que fez em defesa da sua soberania, em prol da sua integridade moral e política; depois de tudo isso, começam a aparecer ás suggestões anomalas. Embora sejam elles legítimas filhas do patriotismo, quiçá exaltado e exclusivista, vem, de algum modo, collocar esses abnegados n'um plano deprimente, ridiculo e problematico...

Alguem, desejoso de solucionar a situação dos commissionados, depois de achar que a sua quasi totalidade é incompetente, incapaz de dirigir soldados na caserna (quando, na campanha, são elles muito bons auxiliares, conforme atestam os elogios que, em boletins lhes fazem todos os Commandos de Forças em operações), depois de encarar esse problema por um prisma de carácter assustador, esquecendo-se talvez de que todos elles têm familia e que a organisação da familia é preciso ser perfeita como perfeita é a organisação do Exercito — porque, sem familia não teremos soldados e sem soldados não teremos Exercito, — deu, por fim a sua suggestão, classificando a situação dos comissionados, em quatro categorias.

A 1^a — não é de todo má porque, os que são ainda jovens poderão se matricular na Escola Militar;

A 2^a e 3^a — não servem, porque nenhuma vantagem lhes traz, em vista de ficarem os mesmos obrigados a uma reforma inopportuna, ás vezes com menos de vinte annos de serviço, e com um soldo tão exiguo que, collocal-los á na triste situação de mendigos: a familia passa necessidades, sofre na sua organisação e não poderá concorrer para o engrandecimento da raça;

A 4^a — de todas é a peor, porque traz a retrogradação de posto, o que abate a moral, enfraquece a disciplina, provoca o desanimo e mata o estímulo!

E' a um General de élite, a uma das mais brilhantes figuras da época que, graças a Deus, estão confiados os destinos do nosso Exercito, e de quem tudo esperam os comissionados, pois, já conhecem, de perto, o criterio e o cavalhei-

rismo desse eminente chefe, quando das operações de guerra nos Estados de Santa Catarina-Paraná.

Já que estão as nossas autoridades vivamente empenhadas na reforma do Serviço Militar, procurando dar-lhe um carácter mais activo e mais moralizado, e como sejam as Juntas de Alistamento — a base principal desse commetimento — entregues a civis sem prática e sem vontade, o que muito concorre para a fallencia do serviço, e como parte interessada que sou, apresento a minha modesta suggestão:

a) — os commissionados que possuem condições moraes, intellectuaes e physicas e tenham no maximo 25 annos de idade, serão matriculados na Escola Militar;

b) — os que não prehencerem essa exigencia serão aproveitados nas Juntas de Alistamento da Capital ou dos Municipios, nas condições em que se acham, até que completem o tempo por lei exigido para a reforma, quando serão reformados no posto em que se encontram, podendo os mesmos servirem nos corpos, antes da reforma, desde que haja vaga do seu posto e para isso sejam requesitados.

E assim termino esse meu descolorido trabalho, nelle deixando consignada a minha sugestão, certo de que, se for ella tomada em consideração, concorrerá para a felicidade geral de muitos lares, — maximé para o progresso do Exercito e para a grandeza da Patria.

Natal — Novembro — 1926.

2.º Ten. Comm. Gomes de Oliveira.

N. da R. — Está conforme o original.

Os commissionados e a E. M.

Segundo as informações que nos chegam, é verdadeiramente lastimável a situação academica dos commissionados na E. M.

Considerada a porcentagem de reprovados, é de facto desanimador o resultado conseguido pelas turmas matriculadas naquelle estabelecimento.

O peior é que os commissionados são alunos caríssimos pois fazem o curso como se 2.ºs Tenentes fossem... e sem resultados compensadores.

No corrente anno mais 150 commissionados poderão matricular-se na E. M.

Qual serão os fructos dessa nova semelhanteira? Isso é o que veremos.

A julgar pelos factos, o melhor seria decidir-se o Governo por um curso de emergencia para commissionados, porque o da E. M. parece que só uma parcella muito pequena de commissionados poderá enfrentar com exito.

Aliás, pensamos que, apesar das medidas tomadas a respeito de commissionados, aberta continuará a questão do commissionamento enquanto não se encarar num plano de conjunto a situação em que estão esses nossos camaradas, isso para beneficio da Nação, do Exercito e delles próprios.

Transmissões (*)

(Traducão Commentada)
pelo Cap. Dermeval Peixoto

Todos os meios para remetter ordens, pedidos, informações e despachos que permittam assegurar a ligação, assim como o exercicio do comando, constituem as transmissões.

Os diversos meios de transmissão podem ser classificados, seja pela natureza propria (transmissão escripta, optica, electrica), seja pela natureza do agente impregado (homem a pé, cavaleiro, cyclista, animal, optica e os diversos signaes, electricidade com ou sem fio, acustica, lança mensagens, etc.) Estas classificações não têm qualquer interesse particular e outro fim não colima sinão o de estudar os diferentes processos segundo certa ordem mais ou menos racional.

ra examinar os meios de transmissão de que dispõe a infantaria em combate, parece preferivel estudar successivamente os meios que podem empregar os diversos escalões de infantaria, começando pelos escalões mais avançados. Os detalhes technicos serão reduzidos ao minimo; os processos de transmissão e as condições de seu funcionamento serão considerados sufficientemente conhecidos.

PELOTÃO DE INFANTARIA. — O comandante de pelotão de infantaria dispõe de um mensageiro que serve de agente de transmissão para levar ordens aos commandantes de G. C. e buscar informações junto destes quando as ligações pela vista forem impossíveis (¹).

O pelotão de infantaria não comporta normalmente *serra filas* porém o Reg. de Inf. n. 248 impõe ao cmt. do pelotão o dever de designar sempre um, retirado dentre os sargentos desponíveis que não commandam grupo e na falta de sargentos, um cabo energico ou soldado de élite pode preencher as funções de *cerra filas* (²). Estes *cerra-filas* podem ser eventualmente postos como agente de ligação junto de qualquer G. C. que o commandante do pelotão não possa commandar á voz nem acompanhar com a vista.

Não é previsto regulamentarmente qualquer meio de transmissão que permitta ao Cmt. pel. comunicar-se com o cmt. da Cia. Esta comunicação pôde ser necessaria e urgente; então, nesta occasião, si o cap. mandou um de seus agentes de transmissão ao pelotão, o cmt. do pelotão utiliza-o e, nos casos prementes, lançará seu mensageiro, seu *cerra-filas*, um

(*) Do livro do Cmt. Abadie (*Qu'il faut savoir de l'infanterie*).

(¹) N. T. — O cmt. de Pel. no Brasil não dispõe permanentemente de um mensageiro mas pôde retirar sempre que for necessário homens dos seus G. C. para encarregados de transmissão com os G. C. empenhados — R. E. C. I. art. 40, 158,....

(²) N. T. — O pelotão de infantaria no Brasil tem normalmente o *cerra-filas* que tem importante função em combate prescripto no art. 339 do R. E. C. I.

remuniciador ou qualquer volteador que encontre. Eventualmente o cmt. de pel. utilizará o tubo porta-mensagens. (³)

SECÇÃO DE METRALHADORAS. — O Cmt. de secção de mtr. dispõe de um sargento-adjunto e de um mensageiro (agentes de transmissão).

Companhia de infantaria. — Para comunicar-se com os cmts. de pels. o cmt. da Cia. dispõe dos graduados excedentes e dos agentes de transmissão (tambores e corneteiros).

Para comunicar-se com o cmt. do Btl. o cap. utiliza:

- a) A cadeia de mensageiros (⁴) para os comunicados escriptos;
- b) A utilização optica (⁵) e a braços (⁶);
- c) Os sutes, nas condições previstas no plano das transmissões (⁷);
- d) Meios eventuais: lança-mensagem, cães estafetas, pombos correios (para missões especiais).

O chefe das transmissões e das informações na Cia. é um sargento que pode ser secundado pelo cabo-forriel.

Companhia de metralhadoras. — Possue os meios identicos a Cia. de infantaria, excepto a signalização optica.

Batalhão. — Antes do combate, cada Cia. destaca um graduado para o P. C. do Btl. (em principio o sargento-forriel). O Cmt. do Btl. dispõe ainda do oficial ajudante, chefe das transmissões e do sargento encarregado das informações (⁸).

O Btl. de I. é dotado, em combate, dos meios de transmissão seguintes:

- a) Optica: dois projectores de 10 B. A. ou um de 24, dois soldados signaleiros dispondo de quatro bandeirolas;

(³) O porta-mensagem Bessières, que é arremessado pelo bocal V. B. alcança até 350 metros. Seria interessante na zona de combate onde as ligações são lentas e perigosas, a utilização do porta mensagem que vencesse 800 a 1.000 metros. Um engenho deste genero já foi engendrado; sua transformação de lança-granaada em lança-mensagem parece realisável com simplicidade.

(⁴) N. T. No Brasil está prescripta a cadeia de mensageiros — ver Vade-Mecum página 23.

(⁵) Um apparelho signaleiro de 10 B. A. uma turma de dois soldados signaleiros.

(⁶) Dois jogos de duas bandeiras.

(⁷) Bocaes V. B. da Cia., cinco pistolas signalisadoras de 25.

(⁸) A criação de um official orientador no Btl. susceptivel de produzir serviços preciosos.

b) Paineis: um painel indicativo do P. C. (triangular), dois painéis rectangulares (signaes previstos no annexo IV do Reg. E. M. Transmissões);

c) Artificios: dois bocaes V. B., duas pistolas signalizadoras de 25 (signaes fixados nos planos de transmissões);

d) Electricos: uma turma de telephone, uma turma de radio (T. P. S.) com material correspondente;

e) Pombos: um posto de colombophilistas, (doze pombos e dois homens);

f) Eventuaes: cadeia de mensageiros a organizar segundo ás necessidades do momento; cães estafetas; lança-mensagens; desfacemento de ligação de artilharia; carro T. S. F. evoluindo nas vizinhanças do P. C. do batalhão. (9).

O cmt. de btl. não dispõe organicamente de posto algum de T. S. F.

Pór diversos motivos (facilidade da vigilância, maior rendimento, cuidado do material, instruccion do pessoal, etc.) as transmissões electricas em geral ficam antecipadamente grupadas no E. M. do R. I. e o chefe do corpo faz a repartição conforme a situação dos batalhões e suas necessidades. A dotação actual no batalhão de uma turma telephonica e uma de T. S. F. parece apresentar mais inconvenientes que vantagens (opinião pessoal).

Regimento de Infantaria. — Os meios de transmissão que o R. I. pôde utilizar em combate, são os que se seguem:

a) Optica: dois projectores de 10 B. A. ou na falta, dois de 24; uma turma de signaleiros composta de um sargento, um cabo e quatro soldados;

b) Paineis: um painel de identificação do P. C. (semi circular); dois painéis de signalização (retangulares) para os signaes do annexo IV do R. E. M. T.

c) Artificios: dois bocaes V. B., doze pistolas signalizadoras de 25 para signaes fixados nos planos de transmissões;

d) Electricos: quatro turmas telephonicas; duas turmas de T. P. S.; um posto emissor-receptor de T. S. F. (ondas amortecidas);

e) Pombos: como o batalhão;

f) Eventuaes: como o batalhão;

g) Meios pertencentes ao D. L. da A.: ver mais adiante.

Todas as transmissões do R. I. ficam sob a direcção do official chefe das Transmissões do R. I.

Infantaria divisionaria. — A I. D. é fraca mente dotada de meios de transmissões; pos suem um posto emissor-receptor de T. S. F. de ondas amortecidas, servido por uma turma de dois radios da divisão. Possue um painel de identificação de P. C. (circular) e tres pannos rectangulares para a ligação por signaes com o avião (signaes a dois painéis ou facultativa mente a tres painéis, annexo IV de R. E. M. T.)

(9) O carro T. S. F. tem um posto de ondas continuas em condições de receber somente dos postos similares (C. A. I., D. I. etc.).

Para os outros meios de transmissões, receberá temporariamente seja da D. I. seja dos recursos dos R. I. (10).

Eixo de transmissão e C. A. I. — Em principio cada D. I. em primeira linha na offensiva, tem um eixo de transmissão balisado por um certo numero, de centros de transmissão (11) pelos quaes se ligam as unidades subordinadas. O orgam essencial deste eixo das ligações é a trama telephonica que é constantemente estendida para a frente á medida da progressão.

A Instrucção sobre ligações e transmissões prevê igualmente a installação de um eixo de transmissão para R. I. e mesmo para Btls. de ataque. Este processo é muito vantajoso quando os objectivos a atingir são muito afastados, por isso que os deslocamentos dos P. C. do R. I., mais torna necessidade reforçar momentaneamente os meios de transmissão do R. I.

No eixo de transmissão da D. I. é organizado antes de toda operação offensiva, um Centro avançado de Informações (C. A. I.) encarregado de recolher e transmittir para a retaguarda as informações sobre o curso do combate. Este C. A. I. é levado tanto quanto possível até a altura dos P. C. de R. I. e fica sob as ordens de um official do E. M. da D. I. acompanhado de pessoal (telephonistas, radios, signaleiros, colombophilitos, estafetas, etc.) assim como dispondo do material (transmissões, autos, moto, etc.), necessarios ao seu funcionamento.

Logo que é estabelecido um eixo de transmissão regimental, os R. I. pôdem constituir analogamente um C. A. I. R. ou melhor um Centro Avançado de Transmissões (C. A. T.) dotado de uma parte dos meios de transmissão do R. I.

**

Deslocamento dos P. C. — A medida que a progressão da infantaria se acentua e que as linhas de transmissões se distanciam, é necessário levar para diante os P. C. e os C. A. I. Ora qualquer deslocamento de P. C. abre um periodo de crise durante o qual o rendimento das transmissões pôde ser consideravelmente diminuido. Importa reduzir ao minimo a duração deste periodo delicado e de tomar neste sentido todas as medidas que permittam garantir a continuidade das transmissões.

Examinando-se, por exemplo, o P. C. de um R. I. em plena ação (dois Btls. em primeira linha) tem-se os elementos seguintes:

O official de transmissão e seus adjuntos;

Pessoal de ligação e de transmissões (sargentos, estafetas, etc.);

(10) N. T. No Brasil as Bda. de I. possuem os meios de transmissão seguintes: 1 posto emissor-receptor T. S. F., 1 posto receptor T. S. F., 2 apparelos opticos de 10, 1 painel de identificação, 3 painéis de signalização, 4 bocaes, foguetes e pistolas de acordo com a dotação do momento; não ha dotação prevista para T. S. F. nem telephone.

(11) Os centros de transmissão são dotados de todos os meios de transmissões possiveis.

Uma central telephonica, em ligação com os dois batalhões e com a Bda. I. e a A.;

Um posto de T. S. F., installado, em ligação com a Bda. I., com a D. I. e com a A.;

Um posto T. P. S. um ligação com os postos dos Btls. e com a A.;

Signaleiros (foguetes, optica, painéis) comunicando com o balão, o C. A. S. com a Bda. I., com os Btls. e com a A.;

Paineis para ligação com o avião;

Um posto de pombos correio;

O D. L. da A. com os seus meios de transmissão.

Para deslocar semelhante P. C. e manter a continuidade das transmissões, é evidente que não se procederá em bloco, porem, por escalões successivos, nenhum deslocamento se effectuando enquanto o novo P. C. não esteja funcionando.

Quando o eixo de ligação da D. I. tiver sido alongado para a frente, o novo P. C. do I. se religará, então, telephonicamente a um dos centraes deste eixo e estabelecerá novas linhas com os batalhões; um posto T. P. S. e um posto optico disponíveis serão logo installados.

Será neste momento, após ter verificado o funcionamento desta nova ligação, que o antigo P. C. do R. I. poderá ser transferido para o novo local escolhido ⁽¹²⁾.

No caso em que o eixo de ligação da D. I. não tiver sido ainda alongado para diante, caberá ao R. I. prolongar com seus próprios meios as comunicações telephonicas e effectuar em seguida o deslocamento do P. C. nas condições acima indicadas.

O funcionamento de um C. A. T. de R. I., installado na altura dos P. C. dos Btls. de primeiro escalão, virá facilitar o deslocamento do P. C. do R. I.

Nestas condições, a operação poderá se effectuar pela maneira seguinte, o P. C. do R. I. sendo transferido para o C. A. T.:

1.º Lançar a linha telephonica do C. A. T. até o novo local escolhido para este; installar o novo posto telephonico e verificar suas ligações com os Btls. e com a retaguarda;

2.º Installar no novo C. A. T. um posto optico e um posto de T. P. S. disponíveis;

3.º Installar um posto T. S. F. no antigo C. A. T.;

4.º O material do antigo C. A. T. será deixado no seu lugar em funcionamento; o P. C. do R. I. virá então em bloco para este antigo local do C. A. T. e ahi installará os painéis de identificação. Ficam disponíveis para novo lance, um posto T. P. S. e um posto optico.

Não será necessário, comtudo, deslocar o P. C. do R. I., todas as vezes que seu C.

(12) As comunicações por T. S. F. se rão interrompidas durante o deslocamento do posto regimental, salvo si a D. I. poder permitir que a disposição do R. I. fique um posto T. S. F. supplementar para ser installado nestes avanços do P. C.

A. T. se transporte mais para diante. Este ultimo terá vantagem em acompanhar de perto os P. C. dos Btls. e realizar lances mais ou menos correspondentes.

O P. C. do R. I. poderá se deslocar duas vezes menos, em lances de amplitude dupla. Não se deve adoptar neste particular nenhuma regra fixa; tudo depende da situação e dos meios que disponham as diversas unidades. A unica precaução a observar de maneira rigorosa, será a de não abandonar um P. C. sinão quando alguns meios de transmissão já estejam installados e funcionando no novo local do P. C.

NOTA SOBRE TRANSMISSÕES ACUSTICAS. — Este genero de transmissões parece levar um certo desfavor motivado pela imperfeição ou insuficiencia do material empregado. Este processo apresenta entretanto vantagens do mais alto valor:

Transmissões quasi instantaneas (340 por segundo);

Possibilidade de transmissão com o pessoal abrigado;

Utilizável em todos os tempos (de dia, de noite, chuva, cerração, etc.) e em qualquer terreno;

Rapidez e facilidade de installar-se;

Pessoal pouco numeroso, facil de instruir;

Material simples, etc., que o torna de pre-ciosa utilização nas circunstancias de combate e em particular para ligações na zona avançada (companhias e batalhões), onde os movimentos dos agentes de transmissão serão lentos e perigosos.

A corneta communum poderá ser utilizada com este fim para dar signaes convencionados (por exemplo signaes convencionados onde o ponto seja representado por uma nota breve e a linha por uma nota longa). Seu alcance é evidentemente muito pequeno, sobretudo de dia, em terreno coberto ou com o barulho do combate. Porem, ha sempre no correr da lucta momentos de calma relativa que torna possível enviar signaes por corneta e isso acontece mesmo durante a noite, quando o alcance da corneta é mais considerável. Em todos os casos, a corneta não pode transmittir sinão signaes muito simples, representados por letras do alfabeto (objectivo attingido, estamos parados, munição, feridos para evacuar, etc.) ⁽¹³⁾ vide o annexo VIII do R. E. M. T.

Durante a Grande Guerra, apparelhos acusticos especiaes foram installados em experienta: trompas funcionando a ácido carbonico comprimido e dando duas notas — uma grave e uma aguda — representando ponto é traço. Estes apparelhos, cujo alcance ainda era fraco e de peso considerável, não deram os resultados esperados. Mas, a vista das vantagens

(13) Este processo de transmissão, utilizado no curso de varias columnas effectuadas no Leste, deu resultados bem apreciaveis.

(14) Por exemplo, tambor com orificios accionado por uma manivella de grande multiplicação; um dispositivo especial permitiria graduar o som a vontade e emittir-o longo ou curto.

reaes proveniente do emprego da signalização acustica, parece que os esforços de inventores e constructores deviam ser orientados para a procura de um apparelho acustico leve e possante⁽¹⁴⁾, produzindo sons agudos de timbre especial e perceptivel, no combate, até distancias de 1.000 a 1.200 metros. Um apparelho deste genero daria uma solução honrosa á ligação companhia-batalhão. Foi difícil de realizar-se.

Sua adopção englobaria a organização de um serviço de *escuta*, de que foi objecto o parágrafo sobre as ligações pelo som.

Todas as comunicacões acusticas podem ser captadas pelo inimigo; pode-se obviar este inconveniente pelo emprego de signaes convencionaes modificados periodicamente.

Os aviões são munidos de *Klaksons* ou cornetas a ar comprimido, para chamar a attenção dos elementos com os quaes deseja corresponder. Às vezes emprega suas metralhadoras seja para chamar a attenção, seja para reconhecer (rajadas successivas de quantidade de balas convencionada, etc.).

NOTA SOBRE AS LIGAÇÕES TELEFONICAS. — Para a potencia de seu rendimento,

a possibilidade de realizar comunicacões bilateras e de degenerar em «conversações», sua facilidade relativa de installação e de exploração, o telephone é, sem contradita, o «rei» dos processos de transmissão.

Todos os esforços devem, portanto, tender a melhorar este processo, no que concerne notavelmente a rapidez de installação das linhas e dos apparelhos.

No combate, as linhas são logo atiradas em terra; o cabo desenrolado a mão pelas turmas de telephonistas. Um simples circuito de um kilometro installado absorve 90 kilogramos de material para ser transportado a braço.

A operação teria mais facil rendimento, e sobretudo mais rapidez, pelo emprego de desenrolador a tracção animal ou mecanico (vaturas de metralhadoras, auto-lagarta, etc., as vezes providas de lanças desenroladeiras, permitindo a collocação simultanea de circuitos multiplos.

Esta rapidez seria preciosa em combate, sobretudo na occasião dos deslocamentos dos P. C., dos C. A. T. e dos C. A. I., assim como para facilitar a permanencia da ligação entre a infantaria e a artilharia.

O «princípio» de bravura

Por motivos technicos de organisação e até pela nossa propria experencia no assumpto, o principio de bravura para o accesso nos quadros deveria ser restricto ao estado de guerra.

A guerra é a melhor escola da guerra. Os promovidos no campo de batalha por actos de bravura, terão no proprio theatro de operações os meios de aprendizado, os processos de aperfeiçoamento. Voltada a paz a «desmobilização» retirará todos quantos, ascendidos por actos de bravura, não possuam qualidades outras além da de conductores de homens. De outro modo, deve-se convir que no estado de guerra é a Patria que está em jogo e diminuta se torna a margem para as contravenções dos interesses nacionaes.

Nas campanhas das luctas intestinas tudo se passa ao contrario disso. Os serviços por mais militares que sejam (salvo rarissimas excepções) têm quasi sempre ligações com outros aspectos. A

duração e a natureza dessas luctas ás vezes levam até á regressão, se consideradas como cursos de commando. E o peior é que, voltada a normalidade, não ha outro meio senão supportarem os quadros todos os prejuizos decorrentes dessas *promoções de emergencia*.

Acabar com o principio de bravura em tempo de paz, na nova lei de promoções, seria tambem pôr em concordancia a lei de accesso no Exercito com a que existe actualmente na Marinha, o que não parece ser argumento para desprezar-se.

Em nossas campanhas, em pleno estado de paz, predominam os interesses da politica interna, das correntes partidárias, das paixões politicas emfim, e o Exercito Nacional não poderá estar á altura de sua principal missão — por que entende com a soberania nacional — se não estiver ao abrigo dessas e outras intervenções de forças de tal modo desconcertantes, caprichosas e incoherentes.

Thema a Premio

Solução do ultimo thema apresentado

A situação geral apresenta duas forças que se defrontam ao longo da linha ferrea S. CARLOS DO PINHAL — RIB. BONITO, com a direita em faz. S. CANDIDA, de um lado, e faz. da SERRA, de outro lado; as operações dos tempos ultimos têm corrido vantajosamente para as tropas do Sul.

O flanco oriental das forças do Sul não se acha apoiado em obstáculo natural sério, nem em outras tropas amigas, donde resultou a necessidade de prolongar a ocupação do terreno para o lado de E., apassando largamente ao desenvolvimento do adversario que se lhes oppõe. E como isto não bastasse, o ultimo trecho da frente vermelha foi orientado para N. E. (alinhamento geral faz. S. CANDIDA — ANTONIO CARLOS), julgando o Commando vermelho necessário reforçal-o com o R. I. que constitue o assumpto do thema proposto.

Embora notável o ganho de terreno para o N., as linhas de comunicação dos vermelhos não estão seguras contra as incursões de elementos moveis dos azuis pelo lado de E., dada a superioridade e habilidade de sua cavalaria que (diz o thema) tem causado surpresas com intervenções inesperadas.

Si a linha BROTAS — faz. PAINEIRA acha-se rasoavelmente garantida pela sua situação interna na zona de operações, já não se pôde dizer o mesmo quanto a linha est. CAMPO ALEGRE — faz. PAINEIRA, mais exposta ás ameaças das tropas montadas que têm sido vistas em S. CARLOS DO PINHAL.

Por isto, est. CAMPO ALEGRE está guarneida por forças de 2.^a linha, e é de crér que os comboios que circularem entre a estação e faz. PAINEIRAS, sejam escoltados por tropas de protecção.

Do mesmo modo, as forças que fazem este percurso (tal como o R. I. a que se refere o thema) devem marchar com a segurança requerida pelas marchas á proximidade do inimigo, ao contrario da despreocupação que costumam ter em se tratando de movimentos na recta-guarda de tropas que estão em contacto em frente extensa.

Analysada assim a situação em que vive o thema proposto, passemos ás questões pedidas.

**

A primeira dellas — ampliação do trecho de carta que interessa directamente á marcha do R. I. — não offerece dificuldade de maior monta. Pôde ser feita por qualquer processo, mais geralmente quadriculando a porção a ampliar e reproduzindo o desenho de cada quadrado em outra quadricula previamente feita nas proporções pedidas (escala de 1/50.000).

Estas facilidades, entretanto, não excluem o interesse da questão. Ao contrario, as ampliações de trechos de carta devem ser praticadas a miude, ao menos pelos principiantes, pois são de uso corrente nas operações militares. Os esboços que acompanham as partes e informações são feitos em grande escala, e um meio de organizal-os com precisão aceitável consiste em tomar por base a ampliação de uma bôa carta, como estas folhas do Estado de S. Paulo.

Além disto, as ampliações obrigam aos executantes meditarem sobre as fórmas do terreno em que se trabalha, o que é de particular importancia para o bom encaminhamento das questões táticas; tal estudo é mais salutar quando se é obrigado a pesquisar para a intercalação de novas curvas de nível, entre as existentes na carta originaria.

Muito de industria, a primeira questão apresentada foi a ampliação do trecho em que o R. I. se desloca para alcançar faz. PAINEIRA; os que tiverem iniciado a resolução por ahi, certamente não encontraram embaraços em ver a zona do terreno onde se impõe a segurança contra a ameaça creada pela cavalaria azul que, na manhã de 15, saiu de est. COLONIA, no rumo S. O.

A titulo de exemplo, apresentamos, no esboço que acompanha estes estudos, uma ampliação na escala pedida.

**

Para resolver a segunda questão, é de mistér organizar primeiramente a columna de marcha, nella collocando o Cel. Cmt. do R. I. em bom lugar, para depois concluir onde se acha elle por volta de 7h.50', momento em que é alcançado pelo motocyclista de est. CAMPO ALEGRE.

Vimos que a linha de communicações est. CAMPO ALEGRE — faz. PAINEIRA não é das que são circuladas tranquilamente, pois estão expostas a incursões da activa cavallaria azul. Assim sendo, o R. I. sahirá da estação com um dispositivo de marcha que lhe permita abrir caminho por meio do fogo, si a occasião apresentar-se: romperá a marcha com uma *vanguarda* e um *grosso*.

Em um effectivo de 3 Btls., a vanguarda poderá ser constituída por 1 Btl.; mais do que isto seria dar a essa tropa de segurança proporções que se approximariam do effectivo do grosso: menos de 1 Btl., partir-se-ia a composição orgânica da unidade sem vantagem alguma.

Uns 2000 ou 2500 metros de distancia entre o grosso e a vanguarda serão suficientes para que esta proporcione a aquele o espaço necessário á manobra eventual no caso de encontro, sem ser em demasia a ponto de deixar a vanguarda isolada, em condições de ser apoiada tardiamente, si isto for reclamado. Não sendo provaveis tiros de artilharia inimiga, não ha inconveniente em adoptar a distancia menor: 2000 metros.

A vanguarda cuidará, por sua vez, de sua propria seguridade, escalonando para a frente, a uns 800 metros, 1 Cia. *testa* e conservando um *corpo* no valor de 3 Cias.

Ao serviço da testa serão postos alguns esclarecedores montados (á falta de tropa de cavallaria) que, marchando na frente a cerca de 1000 metros, irão constituir a *ponta* mais avançada na direcção do movimento.

Sendo esta necessariamente fragil, convém dar-lhe o *apoio* de 1 Grupo de Combate (ou mais, até 1 Pelotão) para que seja augmentado o poder combativo desses poucos esclarecedores.

O grosso da columna marchará em Btls. successivos, collocando-se entre ambos a Cia. de Mtr. P. e dispondo-se na cauda os T. C. e T. E. com escolta

propria, fornecida pelo ultimo Btl.; esta escolta fará a rectaguarda.

Eis ahi a organização da columna que serviu de base ao esboço junto.

Por volta de 7h.50', isto é, quando a columna vae fazer o segundo *alto horario*, a ponta da vanguarda estará no kilometro 8, enquanto que a testa do grosso ainda não attingiu a bifurcação N. O. de est. CAMPO ALEGRE.

— Resta examinar a localização do Cel. Cmt.: O seu elemento de *manobra* é o *grosso* da columna, pois a vanguarda constitue o elemento de *segurança*; sendo assim, o Cel. deve achar-se na *frete* do grosso para, em tempo opportuno, informar-se das occorrencias e preparar a sua decisão; irá, então, na vanguarda.

É uma regra absoluta nas marchas para o combate: cada chefe seguirá á frete da fracção que commanda.

Como na *testa* já irá o Cmt., da vanguarda, o Cmt. da columna marchará com o *corpo*, immediatamente á sua frete, ou nelle intercalado.

É nesta situação que o Cel. do R. I. recebe a communicação do Cmt. do Destacamento de Campo Alegre.

Vejamos como esta communicação reage nas decisões do Cmt. do R. I.

**

O inimigo que, ao romper do dia, foi visto a sahir de est. COLONIA poderá alcançar, mais ou menos ás 8 horas, a ponte 2 K. N. O. de faz. BOA VISTA (sobre o Rib. do FEIJÃO), ou a ponte 2 K. S. E. da mesma fazenda (sobre o rio ITAQUERY). Si procurar a estrada de marcha que interessa ao R. I., dessas pontes seguirá para o movimento de terreno a O. de faz. BOA VISTA ou demandará est. CAMPO ALEGRE pela vertente oriental do rib. da ONÇA (não deve ser esquecido que os rios estão cheios, só permittendo a transposição facil na região das respectivas cabeceiras). São estas as duas possibilidades de maior interesse para o R. I.

Este deverá attingir faz. PAINEIRA, nada obstante a intervenção do adversario.

A ameaça est. CAMPO ALEGRE não embaraçará o cumprimento dessa

missão. Si o inimigo para ahi seguir, levará um tempo apreciavel para alcançá-la, pois a marcha em zona adversa será feita com muita cautella: é uma consequencia da potencia de fogo do armamento moderno. Embora a cauda do R. I. ainda esteja na proximidade da estação, não teria cabimento preocupper-se o Cel. do R. I. com a sua defesa; esta compete ao Destacamento de Estação. A sua conducta seria outra si ainda estivesse bivacado; mas, agora, com a ponta da vanguarda já no kilometro 8, trata-se de attingir faz. PAINEIRA.

Surgindo inimigo pela elevação entre faz. BOA VISTA e faz. S. EVANGELINA, já a questão tem outro aspecto: a marcha do R. I. pôde ser seriamente retardar a no trecho em que a estrada continua por oeste a mencionada elevação, em faz. S. EVANGELINA, faz. Cor. NOVAES e OLARIA.

— Que fazer então? Evitar este trecho e passar por faz. MUNDO NOVO e faz. BOM RETIRO? Poder-se-ia ser tentado por esta solução, uma vez que a testa do grosso não attingiu a bifurcação que conduz á mudança de itinerario.

Todavia, tal solução não se defende: Primeiramente, porque a estrada de marcha attribuida ao R. I. é a que passa por faz. Cor. NOVAES, e não a de faz. BOM RETIRO (veja-se a situação particular). Em seguida, porque não se tem conhecimento das condições de tráfego nesta ultima estrada; servindo ella á circulação entre ás forças em contacto e BROTAS, não é difficult estar congestionada de viaturas, o que atrazaria do mesmo modo a marcha do regimento.

Impõe-se, assim, seguir mesmo por Cor. NOVAES. Mas, para isto, é necessário cobrir a marcha do R. I. com um *destacamento de flanco* na citada elevação. Si o inimigo ahi já estiver, competirá ao destacamento repellir-o para este, obrigando-se a repassar a ponte de faz. S. MARIA e a 2 kms. N. O. de faz. BOA VISTA; si a elevação ainda estiver desembaraçada, o destacamento de flanco guardará a sua posse enquanto o grosso desfilar pela região de faz. S. EVANGELINA.

É possivel que as alturas a O. de faz. BOA VISTA já estejam ocupadas

por outras tropas amigas, talvez reservas das forças em contacto ao N. de rib. do FEIJÃO. O Cel. do R. I., porém, nada sabe a respeito; compete-lhe prover a sua propria segurança; si, ao chegar naquellas alturas, o destacamento encontrar tropas *vermelhas*, tanto melhor para o cumprimento da sua missão.

Em quanto o grosso não attingir a região de faz. S. EVANGELINA, o *flanco direito* da columna não enche de cuidados o Cel. do R. I. Basta que os esclarecedores montados evitem a *surpreza* á columna; os elementos inimigos que se aventurassem entre o corrego da COCHEIRA e o rib. da ONÇA não seriam numerosos, e a tropa de infanaria em marcha não teria embaraços em fazer rapidamente face a este, repelindo-os.

— Don^{da} sahirá o destacamento de flanco?

Sahindo da testa do grosso (que ainda não attingiu a bifurcação 4 km. N. O. de CAMPO ALEGRE), o destacamento, chegaria muito tarde á região de destino, e possivelmente falharia á sua missão.

Melhor será que saia da vanguarda, ou antes, que seja constituído pela *propria vanguarda*.

De feito, a partir da região de S. EVANGELINA, a segurança na frente da columna não tem mais razão de ser, porque a direcção de marcha se inflexiona para o interior das tropas amigas, afastando-se da região por onde o inimigo poderia aparecer; tendo a cauda do grosso passado pela referida região (11 horas) e devendo o destacamento de flanco acompanhar o movimento da columna, constituirá elle a sua *retaguarda*, pois é por este lado que fica a emaça do adversario.

O destacamento de segurança — vanguarda, flanco-guarda ou retaguarda — deverá situar-se entre as tropas que cobre o inimigo.

**

Temos assim os elementos para exprimir as decisões do Cmt. do R. I. em uma ordem (que inicialmente poderá ser *verbal*, si o Cel. avançar até á *testa* da vanguarda, onde se acha o Cmt.

desta), concebida mais ou menos nos seguintes termos:

«Ao Maj. F., Cmt. da V. G.

I — Às 6h. 15' de hoje, foram vistas tropas inimigas, no valor de 3 ou 4 esquadrões, a sahir de est. COLONIA, no rumo de S. O.

II — A vanguarda sob o vosso Cmdo. seguirá pela faz. S. EVANGELINA para as alturas entre esta fazenda e a da BOA-VISTA, onde se constituirá em *flancoguarda*, enquanto o grosso desfilar pela região de faz. S. EVANGELINA.

III — Missão:

- Repellir para *este* as forças inimigas que ahi forem encontradas.
- Occupar as referidas alturas face á ponte de faz. S. MARIA e á ponte 2 kms. N. O. de faz. BOA-VISTA.

I — Esta missão terminará ás 11 horas, momento em que o vosso destacamento retrahir-se-á pela estrada de marcha, constituindo, então, a *retaguarda* da columna.

— A actual vanguarda deixa a estrada de marcha a partir de S. EVANGELINA; é necessário, pois, constituir uma nova vanguarda a partir deste ponto, não mais com a missão de segurança, e sim para preparar o itinerario do grosso até a faz. PAINEIRA e mais além, permitindo a este marchar desembaraçadamente. Tal missão poderá competir a 1 Cia. do Btl. testa do grosso.

O Cmt. deste Btl., que marcha junto ao Cmt. do R. I., receberá delle a ordem que se segue:

«Ao Maj. S.

I — A actual vanguarda vae se constituir em *flanco-guarda*, operando nas alturas entre faz. BOA-VISTA e faz. S. EVANGELINA.

II — A partir da bifurcação ao S. desta ultima fazenda, a vanguarda da columna será feita por 1 Cia. do vosso Btl. Distancia á testa do grosso: 1.000 metros.

**

Eis ahi as decisões tomadas pelo Cmt. do R. I., resultantes das informações que lhe chegaram via est. CAMPO ALEGRE.

A situação tactica que créamos teve em vista por em evidencia dois principios:

a) *Persistencia da missão*: obrigação de continuar a marcha para faz. PAINEIRA pelo itinerario designado em uma ordem superior, malgrado o possivel ataque á est. CAMPO ALEGRE ou a ocupação pelo inimigo das alturas entre faz. S. EVANGELINA e faz. BOA-VISTA.

b) *Uma vanguarda pôde transformar-se em flancoguarda e mesmo em retaguarda*, como indica o art. 187 do R. S. C.

Nota — No proximo numero proclamaremos o nome do concorrente vencedor.

Mudou a côr da capa

Lembramos aos nossos prezados assignantes e representantes o seguinte:

- não ha mais assignaturas *consignadas em folha*;
- não basta pagar, mas é preciso *pagar adeantado*;
- as importancias remettidas devem entrar na Thesouraria da Revista com a *indispensavel oportunidade*.

- será considerado sem ligação qualquer assignante que se não tenha quitado até o *mez de Fevereiro inclusive*.

Eis o que exige a regularisação da vida administrativa e a execução do programma jornalistico de «A Defesa Nacional».

Subsídios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

PREPARAÇÃO DE OFFICIAIS DE RESERVA

Com resultados suficientemente satisfactorios acabam de encerrar-se, em Outubro ultimo, os cursos para a formação de officiais de reserva. Funcionaram, sob os auspicios do cmt. da 1.^a Região nos 1º g A P e 3º R I para os academicos das Escola Polytechnica e Escola de Direito respectivamente e foram derigidos por competentes officiais da activa, com muito intelligencia e patriotismo.

Apesar, porém, da bôa vontade e da patriotica dedicação dos instruendos, como da comprehensão do problema que se intentava resolver por parte dos commandantes e officiais d'aquellas unidades, revelada na solicitude com que satisfaziam os pedidos dos instructores fornecendo-lhes o necessário na medida de suas possibilidades, tiveram os instructores de lutar com a insufficiencia de meios materiais em relação ao grande numero de instruendos.

O entusiasmo e o aproveitamento dos jornaes académicos durante o funcionamento dos cursos, são um indicio seguro de que esta optima fonte de recrutamento de officiais para a reserva deve ser explorada a fundo.

Por informações já conhecidas sabe-se que no proximo anno a Escola Polytechnica dará ao curso de officiais de reserva numero muito maior de candidatos. Assim sendo, e não convindo limitar a crescente afluencia de academicos a tais cursos, é-se facilmente conduzido a concluir que, com um maior desenvolvimento que tenham ainda os cursos academicos para a formação de officiais de reserva, o actual regimem não satisfará mais. E' claro que aos officiais instructores, os quais trabalham sem recompensas materiais, tomando sobre si consideravel accrescimo de encargos, e sem prejudicar suas funções outras, não mais podem convir os fracos recursos de nossos inperfeitos corpos de tropa.

Para não entravar a solução de um dos problemas mais difficeis da defesa

nacional, a formação de numerosos e bons officiais de reserva, será necessário installar, com materiais e instructores especializados e especiais, não só aqui como nos principais centros da Republica (S. Paulo, Porto Alegre, Bello Horizonte etc.) verdadeiros «Centros para a formação de officiais de reserva».

Estes «centros» devem ser apparelhados para formar officiais de reserva para todas as armas, sobre tudo nas cidades onde não existem corpos das armas para as quais se pretenda formal-los.

Z. Y.

**

SEGURANÇA

1 — A surpresa tem um extraordinario valôr tactico, lança o panico sobre a tropa e impede a liberdade de accão do cmd.:

«A arte da guerra é chegar na hora e na direcção em que se não é esperado». Foch.

E' uma questão de honra para um chefe não se deixar surprehender:

«Nossas tropas têm sido surprehendidas em Tiloit e Neunburg. E' uma deshonra. Pode-se ser batido, não é permitido ser-se surprehendido». Blucher 8/4/813.

«Todo official ou sub official que, negligenciando as precauções prescriptas nos regulamentos se deixar surprehender, responderá a um conselho militar e será condenado a morte». Napoleão 19/9/813.

2 — «Agir e agir em segurança». Foch.

Tal é a lei. No dominio tactico essa lei de accão apezar do inimigo de accão em segurança, tem um carácter geral.

— Primeiramente a missão a cumprir que domina tudo, que se impõe á vontade do chefe que exige o maximo dos meios, regula o emprego do grosso.

Em segundo logar as medidas a tomar para cumprir a missão apezar do inimigo — destacamentos de segurança garantindo o livre emprego do grosso:

segurança do chefe conservando sua liberdade de acção, segurança da tropa guardando-a contra a surpresa.

Donde a repartição das forças e seu emprego: (principio de economia de forças):

— o grosso, pelo qual manifestamos nossa vontade, tão forte quanto possível;

— os dest. de segurança apenas necessarios para assegurar a acção do grosso apezar do inimigo, tão reduzidos quanto permitta o papel a desempenhar.

3— A V. G.

— O papel de uma V. G. é não só assegurar o movimento de uma columna de um ponto a outro mas, tambem, assegurar nesse outro o cumprimento da missão da columna.

A V. G. deve comprehender:

— Cavallaria: para esquadriñar o que se passa ao abrigo das cristas e cobertas visinhas ao itinerario (ao menos escl. mont.).

— Infantaria — para assegurar o desembocar alem de um corte de terreno, de um desfiladeiro, de uma extensão chata ou descoberta a atravessar ou a posse de pontos de apoio que permittam o empenho do grosso em bôas condições.

— A Art. necessaria ao apoio dessas acções.

— As circumstancias do engajamento exigem que todos os chefes se lancem para frente:

O Cmt. da columna no Corpo de V. G. com os cmts. da I. e da A.;

— O cmt. da V. G. na testa com o cmt. da 1.^a unidade do corpo (Major do Btl. e seu ajudante);

— atraç do grosso da V. G. marcham os elementos de reconchecimentos das primeiras bias, de art. que podem se engajar em 1º lugar (grupo designado para o ap. directo da V. G.);

— as sec. de cmd. (ou pel.) marcham na testa de suas unidades e promptas a funcionar;

— taes medidas permittem informações e ordens de chefe a chefe e nenhuma perda de tempo na tomada de disposição;

— desde que se entra na zona em que pode se manifestar a acção e a vontade do inimigo as formações dos es-

calões da V. G. e mesmo dos elementos da testa do grosso devem já ser articuladas em vista da missão a cumprir.

4— O Engajamento

— A missão da V. G. se decompõe em um certo numero de missões secundarias, perfeitamente previstas, perfeitamente precisas: satisfazer a cada momento ás necessidades nitidas e precisas do grosso (se se trata para esse de desembocar de um corte de terreno é preciso o que nesse instante a V. G. tenha os pontos que commandam o corte, etc.).

— Os escalões de uma V. G. não podem ser escravos de distancias, nem a distancia V. G. — grosso é inalienavel, ás distancias são dadas a titulo de referencia pois o terreno e o inimigo e em certos casos as circumstancias de tempo (Obscuridade) podem exigir que se modifiquem; muitas vezes taes variações são até previstas.

— Em cada momento um fim a attingir: se o inimigo intervem antes que elle seja attingido — deve ser atacado; como é preciso *metter a mão* sobretodos os pontos que commandam o desembocar do grosso ou o seu desenvolvimimento, a V. G. terá que se engajar sobre uma grande frente, desproporcional a sua potencia offensiva. Isso nada importa pois que quem vae agir é o grosso e em segurança devido á conducta da V. G.

— Desde que o cmt. da V. G. engaja sua unidade da Testa e a 1.^a unidade do seu corpo — intervem o cmt. da col. que marcha com elle e a partir dahi elle age no rumo que aquelle lhe traçar.

— O cmt. da V. G. deve ter sempre em qualquer momento, uma noção justa do que aproveita ao grosso.

As missões da V. G. se resumem pois em: missão de cobertura, missão de reconhecimento e fixação do inimigo deante de si. Isso a obrigará, as mais das vezes a tomar, sobre uma frente extensa uma formação semi-desenvolvida, tal como no grosso; em vista de uma manobra a executar e do engajamento provavel se multiplicarão as columnas:

D'onde, nessa articulação:

— Noção de direcção e unidade de base: — enquanto o inimigo não intervem ou não está em condições de intervir.

— Missão a cumprir sob a forma de objectivo a attingir — desde que o inimigo intervem.

— O cmt. de uma V. G. deve de um só golpe de vista apreciar uma situação julgar até que ponto elle assegurará a liberdade de ação de seu grosso, sem o comprometter e sem o lançar fóra da missão recebida.

5 — A F. G

— Uma F. G. ou é destacada desde a ordem de movimento áfim de parar a uma necessidade prevista e seu papel será regulada desde então, *á priori* em todos os seus detalhes, será seu envio uma parada imprevista, improvisada respondendo a uma ameaça *precisa e imperiosa* (V. G. desviada — solução extremamente forte da V. G. si essa é forte, unida ou testa do grosso a regra);

— do estudo do terreno e fóra da zona de ação possível da V. G. é preciso discernir, depois da situação geral e das informações certas sobre o inimigo, os pontos do terreno por onde o inimigo possa intervir por seu canhão, suas mtrs. ou seus fuzis;

— si se trata de evitar o fogo de Mtrs. e fuzis (embora Mtrs. P attingam 2.500 3.000 ms.) a zona de segurança será pouco profunda, tal zona pode-se considerar assegurada pela V. G. e pelo serviço de esclarecedores montados do R.;

— si se trata de evitar o fogo do canhão, suscetivel de agir seja só a longo alcance sobre a columna, seja apoiando uma inf. agressiva, visa-se o problema de segurança do flanco por inteiro;

— actualmente, não é mais possível enviar um F. G. á posição de onde actuarão os canhões inimigos (10-12 kms.) seria abandonar efectivos restrictos a suas proprias forças, aliás poderemos sempre ter sob o fogo da art. tais posições, desde que nos arredores mesmo do itinerario seguido as 1.ªs unidades da A. do grosso tomem posição. Em regra bastará pois manter posições intermediarias e sobre ellas realizar um combate defensivo de curta duração.

A infantaria repartida a essa missão será apoiada pela ação da A. da columna agindo a grande distancia ou A. que lhe seja especialmente afectada.

Na dosagem de efectivos de uma F. G. é preciso convir que ao contrario da V. G. ella não contará com o apoio do grosso caso em que se comprometeria a liberdade de ação.

Ao cmt. de F. G. caberá primeiro atingir ua posição indicada (apezar do inimigo) depois tomar uma posição de espera para cumprir sua missão de cobertura, sobre a posição a manter elle articulará largamente sua tropa e por uma procura judicosa dos movimentos do inimigo elle a terá prestes a barrar o accesso sobre a columna; assim, pois, não se mostrará aggressivo, *á priori*, a não ser que encontre o inimigo já a caminho certo da columna (ataca-o).

6 — A R. G. (será tratada especialmente)

7 — Altos e segurança

Um desencadamento de segurança não para senão quando seu grosso tem attingido a posição que constitue seu *objec-tivo do momento*, para que sua missão de segurança seja cumprida.

8 — Postos avançados.

— as posições dos P. A. serão sobretudo determinados pelo terreno, e como se trata sempre de efectivos minimos, precisa-se de um terreno com um valor defensivo maximo; as posições mantidas por pouca gente devem permitir uma utilisação maxima de potencia de fogo (armas automaticas, se flanqueando ou atirando a grandes distancias; fogos de A. sobrepondo-se aos de I. ou supprindo-os em certos lugares).

As orlas dos bosques e das villas, dispondo de vistas sufficientes, constituem em geral, excellentes pontos de apoio para P. A. tanto mais como no caso de villas que permitem abrigo, durante a noite a parte das tropas encarregadas da defesa. (consideração importante)

Comquanto a I. seja arma essencial aos P. A. a ação da A. deve ser prevista, ás portas mesmo dos acantona-mentos; algumas bias. devem preparar barragens deante dos P. A. ou fogos capazes de bater seus caminhos de accesso; os P. P. assignalam que o inimigo ataca, a A. fornece barragens á frente de suas posições, os pp. assignalam que acabam de se retirar sobre os P. P. (linha de resistencia) a A. se mantem prestes a desencadear barragens á frente destes, é facil concluir que o mechanis-

mo desses fogos deve ser previsto em detalhe no paragrapho «em caso de ataque».

Ha casos em que pp. podem ser munidos de mtrs. quando enfiam um caminho de accesso, ponte, desfiladeiro a guardar.

Ha sempre grande vantagem em se lançar patrulhas além da linha de vigilancia, para verificar pontos precisos, manter certos pontos importantes. etc.

— A conducta dos P. P.

— ou bem a posição que elles defendem, fixada imperiosamente pelo terreno, será relativamente approximada do grosso e é preciso mantel-a custe o que custar;

— ou bem a distancia entre esse grosso e a posição de resistencia dos P. P. será sufficientemente grande, dobrada, á retaguarda, d'uma segunda posição favoravel (os P. P. poderão, após uma 1.^a defesa se acolher progressivamente, contendo e retardando o inimigo.

No primeiro caso é preciso que os P. P. sejam socorridos, no segundo é preciso que elles disponham á retaguarda de tropas de acolhimento.

Dahi a necessidade, sempre que os effectivos permittam, de uma reserva dos P. A. que terão a desempenhar seja um papel de c/ataque, seja o de tropas de acolhimento.

O cmt. da Reserva dos P. A. se preocupa com as ligações com os P. P. por postos mixtos, troca de homens graduados, muitas vezes por optica, com o grosso, sobretudo por esse processo.

Apezar do caracter nitidamente defensivo dos P. A. não se deve evitar engajar o combate de longe pelo fogo.

Nesse sentido as Mtrs. L e P encontram justa applicação, a A. mesma pode desempenhar seu papel nesse sentido.

De outro modo, se a posição de vigilancia offerece um certo valor defensivo (corte do terreno, linha d'agua) ella pode ser empregada como uma primeira resistencia.

Em vista das difficultades em ganhar espaço (proximidade dos P. A.) o ganho maximo de tempo se impõe duplamente (liberdade de acção do grosso.

ANGULO DE MARCHA (*)

Definição. — Angulo de marcha é o que a direcção de marcha forma com a linha norte-sul (geographica ou magnetica). Para os trabalhos na carta ha conveniencia em tomar o angulo de marcha com relação a linha norte-sul geographica; mas no terreno, praticando-se com a bussola, é preferivel tel-o em relação a linha norte-sul magnetica.

Tambem se define o angulo de marcha como o *azimuth* da direcção de marcha.

Sentido de contagem. — Em Topographia sempre foi convencionado contar o azimuth no sentido opposto ao da marcha dos ponteiros do relogio, de N. para O. (Topographie, Prévet, I Livro, pag. 162; Topographie de campagne, Philippot, I tomo, pag. 14; Cours pratique de Topographie elementaire, Langlet, pag. 41; Topographie, Berget, pag. 98; etc.).

Entretanto, livros apparecidos durante a Guerra 1914-1918, e depois, prescrevem, ao contrario, contar o azimuth e consequentemente o angulo de marcha no sentido da marcha dos ponteiros do relogio, de N. para E. (Manuel du Chef de Section d'Infanterie, 1918, pag. 195; Manuel du Gradé d'Infanterie, 1926, pag. 384; Manual do Official Orientador de Artilharia, 1º faseicolo, pag. 15; etc.).

Vantagens dos dois sentidos de contagem. — O primeiro processo é mais vantajoso do que o segundo, porque na maioria das bussolas a leitura que se obtém directamente dá o angulo no sentido opposto ao da marcha dos ponteiros do relogio. As bussolas Bezard, Peigné e todas as outras cujo limbo é graduado como o mostrador do relogio dão directamente o azimuth contado no primeiro sentido. As proprias bussolas berloque e as directrizes francesas permitem a leitura directa nesse sentido, desde que se obedeça á regra commun de tomar como linha de visada a dita 180° e fazendo com que a ponta norte da agulha marque a graduação correspondente ao azimuth desejado.

Algumas bussolas (as prismaticas tipo Casela) dão o azimuth no segundo

(*) A não ser o Manual do official Orientador de Artilharia, não temos documento official que regulamente este assumpto.

sentido; neste caso, é claro, que o segundo processo é mais vantajoso. Há ainda bussolas (inglezas e norte americanas) que permitem a leitura tanto de N. para O. como de N. para E.

Dahi se conclue que o sentido de contagem do angulo de marcha deve, tanto quanto possível, corresponder ao da leitura dada directamente pelas bussolas mais usadas pela tropa.

Modo de indicar o sentido do angulo de marcha. — Em primeiro logar e preciso que quem determina o *angulo de marcha* e quem delle se vae servir na execução de operações contem este angulo em um mesmo sentido.

Para isso seria conveniente regulamentar taxativamente um unico sentido de contagem. Em quanto tal não se der é aconselhável indicar o sentido adoptado quando se transmite o angulo desejado. Exemplo: Angulo de marcha contado de N. para O. — 290° de N. para O. ou Angulo de marcha contado de N. para E. — 70° de N. para E.

Em segundo logar, quem vae applicar no terreno o angulo de marcha deve ter em conta o sentido da graduação da bussola.

PROBLEMAS

A — Determinar o angulo de marcha na carta. — 1º Une-se o ponto de partida ao objectivo da marcha e se prò-

longa esta recta que baliza a direcção de marcha, até encontrar um dos meridianos da carta. O angulo formado por esta linha e o meridiano (ter em conta o sentido da contagem) é o azimuth geographic.

2º — Mede-se esse angulo com o transferidor ou, em sua falta com a bussola.

Em regra o angulo de marcha que se dá a tropa para a execução e o azimuth magnetico (o geographic mais ou menos a declinação magnetica).

B — *Dado o angulo de marcha, seguir-o no terreno.* — 1º — Verifica-se se a bussola permite a leitura no mesmo sentido em que foi tomado o angulo. Se tal não se dá subtrahe-se o numero dado de 360° e pôde-se então operar com facilidade.

2º — Segura-se a bussola de modo que a linha de visada (180°-0°) seja aproximadamente normal á linha dos homens; gira-se com o corpo até que a ponta azulada da agulha pare em face da graduação do angulo indicado; prolonga-se a linha de visada e na direcção assim obtida escolhem-se no terreno pontos de referencia distantes e que balizarão a direcção da marcha.

E' sempre preferivel fazer a visada pela linha 180°-0°, por ser uma linha bem traçada no limbo, bem visivel e facil de ser prolongada pela vista.

«O idealismo na evolução política»

(Oliveira Vianna).

«Ha então duas espécies de idealismo: o idealismo «utópico», que não leva em conta os dados da experiência, e o idealismo «orgânico», que só se forma de realidade, que só se apoia na experiência, que só se orienta pela observação do povo e do meio.»

«Depois, a fecundidade da applicação dos methodos positivos e experimentais ao estudo da evolução das sociedades humanas, o advento e constituição das sciencias sociaes, as suas revelações surprehendentes sobre o reflexo que o

meio cosmic, o meio étnico, o meio social exercem sobre a estructura e funcionamento das instituições politicas, tornaram esse idealismo utópico irrisorio e ridículo aos olhos das elites verdadeiramente cultas.

Hoje só o praticam os povos remissos e incultos, cujas classes politicas e dirigentes estão atrasadas meio seculo do espirito do seu tempo.

Outrora o idealismo utópico dos nossos maiores era, devido ás condições do meio, uma prova de cultura e de alta intelligencia. Hoje, é, ao contrario, uma prova de ignorancia e incapacidade mental.»

Ephemerides do Mez

1.

- 1502 — Descobrimento da Bahia do Rio de Janeiro, pela esquadilha portugueza de André Gonçalves, da qual fazia parte como Cmt. de um navio o celebre cosmographo Americo Vespucci.
- 1827 — O Tte.-Gen. Marquez de Barbacena, assume em Santa-Anna do Livramento, o commando do Exercito brasileiro em operações contra o governo de Buenos Ayres.
- 1865 — Prosseguem os ataques a Payssandú pelos Generaes Propício Menna Barreto e Flores.
- 1869 — Occupação de Assumpção, capital da Republica do Paraguay, pela Bda. de Infantaria sob o Cmdo. do Cel. Hermes da Fonseca.
- 1874 — Adoptação do systema metrico em todo Imperio.
- 1880 — Desordem no Rio de Janeiro, oppondo-se o povo ao pagamento de 20 réis sobre o preço das passagens dos bonds. Desordens que terminaram a 4, pela tomada de uma barricada na rua Uruguaya, pelas tropas do Cel. Enéas Galvão (depois general e barão do Rio-Apa).

2.

- 1826 — O Governo das Provincias Unidas do Rio da Prata (hoje Republica Argentina) autoriza o corso contra os navios brasileiros.
- 1864 — Retirada da guarnição de Corumbá, juntamente com a população civil, em virtude da invasão do Estado de Matto-Grosso pelos Paraguayos, retirada em que o Tte. Oliveira Mello, á custa de enormes esforços, conseguiu salvar a todos, entrando na cidade de Cuyabá, após ter percorrido cerca de 650 klm.
- 1865 — Tomada de Payssandú pelas tropas brasileiras e orientaes dos generaes João Propício Menna Barreto e Venâncio Flores, auxiliados pela esquadra brasileira sob o Cmdo. de Tamandaré. (Campanha de Uruguay).
- 1870 — Tomada da trincheira do rio Verde pelo Cel. João Nunes de Oliveira no Paraguay.

3.

- 1631 — Francisco Bezerra, com sua tropa destroça 2 Companhias hollandezas na ilha de Santo Antonio (Invasão Hollandeza).
- 1774 — O Capitão Raphael Pinto Bandeira commandando um destacamento de 120 homens, derrota em Botucarai 600 correntinos, Santafocinos, Portenhos e Guaranis, dirigidos pelo Capitão Antonio Gomez.
- 1817 — O Tte.-Coronel José de Abreu (depois general e barão de Serro-Lage) á frente de 640 homens ataca e toma o acampamento de José Artigas no Poteiro Arapehi, dispersando completamente os 800 homens com que este general pretendia reforçar o exercito que fôra mandado contra o general Curado.
- 1870 — Tomada do reducto de Cambaceguá pelo Gen. Camara (depois Visc. de Pelotas) no Paraguay.

4.

- 1817 — Batalha de Catalã (2.ª intervenção do Brazil no Uruguay sob o poder de Artigas). O Exercito brasileiro, acampado no Quarahim, sob o Cmdo. do Tte.-Gen. Curado, sendo atacado pelas forças do Cel. André Latorre (principal exercito de Artigas), travou batalha nas margens do arroio Catalã, sob a direcção do Marquez de Alegrete (ahi em inspecção), repelindo e destroçando completamente o exercito atacante.
- 1837 — Bento Manoel ataca e bate em Pedras Altas os insurgentes commandados por Netto, os quaes retiram-se para Canadiota perseguidos activamente. (Revol. Riograndense).

5.

- 1648 — Henrique Dias começa por um ataque nocturno o avanço sobre o forte hollandez na ilha da Lagôa Guarairas (Rio Grande do Norte) o qual é tomado na manhã seguinte. (Invasão Hollandeza).
- 1849 — Ataque ao engenho de Utinga, levado a effeito pelo Capitão Guilherme Bruce (depois general), defendido pelos revolucionarios sob a chefia do desembarcador Joaquim Nunes Machado. (Revolução Pernambucana, conhecida sob a denominação de revolta praeira).
- 1869 — Entrada do Marechal Caxias e do Exercito aliado na cidade de Assumpção. (Guerra do Paraguay).

6.

- 1502 — Descobrimento de Angra dos Reis por André Gonçalves e Vespucci.
- 1648 — Tomada do forte da ilha Guarairas (Rio Grande do Norte) por Henrique Dias. (Invasão Hollandeza).
- 1736 — Chega a Colonia de Sacramento o 1.º soccorro de tropas e viveres, nesta epocha sitiada pelos Hespanhóes, obrigando-os a iniciar e alliviar o sitio mantido.
- 1820 — Combate do Passo de Pereira no rio Olimar Grande, levado a effeito pelos Chefes Bento Gonçalves e Diogo Felix Feijó contra 300 orientaes de Artigas.
- 1838 — Combate entre as tropas legalistas e os insurgentes, nos arredores da Bahia, na posição chamada Campinas. (Revolução chefiada pelo Dr. Franciscí Basine da Rocha Vieira, conhecida por Sabinadas).
- 1865 — Tendo os paraguayos atacado Corumbá, a sua guarnição e a população civil transportou-se para Cuyabá, a bordo da escuna Jacobina, em canôas e na canhoneira Anhambahy, que sendo forçada a descer novamente o rio (após ter desembarcado a tropa em Sara) foi atacada por 3 navios paraguayos, sendo obrigada a encalhar e combater a pé em terra, sendo toda ella destroçada. (Invasão de Matto-Grosso — Guerra do Paraguay).

7.

- 1549 — Carta regia de D. João III.º, mandando fundar uma fortaleza e povoação na Bahia de Todos os Santos, o que foi feito por Thomé de Souza só a 29 de Março.

1619 — Ataque dos indios Tupinambás commandados por Guaimiaba ao forte de Santo-Christo em Belem, sendo repellidos pela guarnição sob o Cmto. do Capitão Baltazar Rodrigues Mello.

1648 — Victoria de Henrique Dias sobre os Hollandezes que defendiam o engenho de Cunhaú no Rio Grande do Norte. (Inv. Hollandeza).

1809 — Primeiros desembarques da expedição mandada a Cayena, commandada pelo Tte.-Cel. Manoel Marques D'Elva, travando-se os primeiros encontros com os franceses, resultando a tomada das baterias do Diamant e de Trio.

1823 — Combate de Itaparica (Guerra da Independencia). Uma esquadilha portugueza sob o Cmto. de Joaquim José da Cunha tenta desembarcar na ilha para tomar o forte de S. Lourenço e as trincheiras proximas, sendo porem infructiferos todos os seus esforços, em vista da defesa brilhante feita pelos brasileiros sob o comando do então Major Antonio de Souza (depois brigadeiro).

1835 — Início da guerra civil no Estado do Pará, conhecida por insurreição dos Cabanos.

8.

1809 — O Cmte. Yec, á frente de 80 marinheiros ingleses e 100 soldados brasileiros atacam as posições dos franceses junto ao canal de Torcy e após apoderarem-se marcham para Legrand - Beau - Ragard (expedição contra os franceses em Cayena).

1867 — Reconhecimento da nossa esquadra sobre Curupaty, juntamente com um reconhecimento na lagôa Piris, na qual pela primeira vez entravam navios brasileiros. (Guerra do Paraguai).

9.

1822 — O príncipe-regente D. Pedro (depois Imperador do Brazil, em vista de uma representação assignada por mais de 8000 pessoas, pedindo a sua permanencia no Brazil, resolve attendel-a, desobedecendo assim ás Côrtes Constituintes da Nação Portugueza, que o chamavam á Europa).

1839 — Bento Gonçalves annuncia a transferencia da Capital da Republica Rio-Grandense para Caçapava.

1869 — Fallece em Assumpção o Brigadeiro Honório José Joaquim de Andrade Neves, barão de Triumpho, um dos mais illustres guerreiros da Guarda Nacional brasileira, tendo merecido de Caxias o titulo de «bravo dos bravos do exercito brasileiro».

10.

1817 — Início do bloqueio de Montevideo, pelos navios portuguezes sob o Cmto. do Capitão de Mar e Guerra Silva Pacheco, onde governava em nome de Artigas o delegado Miguel Barreiro.

1850 — Morre na fazenda de Sta.-Cruz o príncipe D. Pedro Affonso, segundo filho do Imperador D. Pedro IIº.

11.

1699 — Carta régia creando na Bahia uma Escola de Artilharia e de Architectura Militar.

1822 — As tropas portuguezas sob o Cmto. de Jorge Avilez occupam o Morro do Castello afim de coagir o Príncipe D. Pedro a obedecer ao decreto das Côrtes Portuguezas que o chamavam á Europa. Reunião das forças brasileiras no Campo de Sant'Anna, para garantir a vontade do povo e do Príncipe.

1840 — Combate de Curitibanos (Santa Catharina) em que os revolucionarios riograndenses sob o Cmto. de Teixeira Nunes, são derrotados por Antonio de Mello Albuquerque, Tte.-Cel. da Guarda Nacional.

1867 — Ataque ao acampamento paraguaio do Arroio Aracajá, pela canhoneira Henrique Martins que alem de bombardear, desembarca 80 fuzileiros navaes que fazem a limpeza do local.

1894 — Invasão do Estado do Paraná pelo caudilho rio-grandense Gumercindo Saraiva, chefe da revolução Federalista do Rio Grande do Sul.

12.

1640 — Batalha naval da Ponta de Pedras. Uma esquadra uso-hespanhola, de 48 navios, armada em guerra, tendo sahido da Bahia sob o Cmto. do Capitão-General conde da Torre, levando a bordo o pequeno exercito do príncipe de Bagnoli, com destino a Recife, afim de atacar os Hollandezes, encontrou-se ao N. de Itamaracá e nas alturas de Ponta de Pedras, com uma esquadra hollandeza enviada pelo príncipe Mauricio de Nassau, travando-se a 1.ª batalha, na qual alem de perder a vida o Cmto. em Chefe Hollandez Almirante Willelm Cornelissen Loos, foi posto a pique o navio hollandeza Alkmaar de 26 peças. (Vide dias 13, 14 e 17).

1646 — Ataque de Henrique Dias ao reducto hollandez no aterro dos Afogados, entre as fortalezas de Fredrik (Cinco Pontas) e Willelm (Afogados), pondo-os em fuga.

1809 — Capitulação da guarnição de Cayena, commandada por Victor Hughes, governador da Guyana Franceza, ao Tte.-Cel. Manuel Marques D'Elva Portugal, chefe da expedição enviada por D. João VI.

1840 — Combate de Curitibanos — (Santa Catharina) — tambem chamado da Forquilha, em que o Tte.-Cel. Antonio de Mello Albuquerque derrota os revolucionarios riograndenses commandados por Joaquim Teixeira Nunes e por Garibaldi, então capitão-tenente, commandante da Infanteria revolucionaria.

1868 — Assume o Cmto. em Chefe dos Exercitos Aliados o Marechal Caxias, em vista de ter o Gen. Miltre de retirar-se do theatro das operações para assumir a presidencia da Republica Argentina.

13.

1636 — Ataque do Capitão Francisco á Porto Calvo então occupada pelos hollandezes sob o Cmto. de Schkoppe, que foram obrigados a evacuarem e retirarem-se para Recife embarcando na Barra-Grande. (Invasão Hollandeza).

1640 — Segunda Batalha naval entre a armada luso-hespanhola do Conde da Torre e a hollandeza em frente ao cabo Branco, indo a pique o navio hollandez Gelle Zom com toda sua tripulação.

1750 — Tratado de Madrid, fixando os limites entre os domínios de Portugal e Hespanha na América, pelo qual Portugal cedia à Hespanha a Colônia do Sacramento e esta lhe dava em troca os Sete Povos das Missões.

1825 — Fuzilado em Recife o carmelita frei Joaquim do Amor Divino Rebello Caneca, como um dos promotores da insurreição de 1824 em Pernambuco, chefiada por Manuel Paes de Andrade, que proclamando a Confederação do Equador, estabelecia o regime republicano.

1827 — Tendo assumido o Cmto. do Exército em operações contra a Argentina, o Marquez de Barbacena, deixa Santa Anna do Livramento e marcha para o arroio Palmas afim de fazer junção com as tropas trazidas do Rio Grande pelo Gen. Gustavo Brown. O Exército argentino estava em Bagé.

1867 — A Esquadra brasileira comandada pelo Almirante J. J. Ignacio (depois Visconde de Inhaúma) e as baterias de Curuzú, comandadas pelo Gen. Argollo, bombardeiam Curupaty. (Guerra do Paraguai).

14.

1640 — Terceira batalha naval entre a esquadra do Conde da Torre e a hollandeza, na altura da Parahyba, perdendo os portugueses o navio Chagas e os hollandeses o navio Sivaen.

1809 — Entrada das tropas brasileiras em Cayena, depois da capitulação dos franceses em Bourda.

1817 — Parte de S. Borja o Gen. Chagas Santos com uma coluna de tropas, que, por ordem do Marquez de Alegrete, ia destruir as aldeias das Missões de alem-Uruguai em represália dos actos de vandalismo praticados em nosso território por André Artigas.

15.

1654 — Ataque do Gen. Barreto de Menezes aos fortes exteriores de Recife, então sob o domínio hollandez, nesse salientando-se Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros. (Vide dia 16).

1828 — Combate naval entre alguns navios brasileiros e a esquadra argentina comandada pelo Almirante Brown. (Guerra contra a Argentina).

16.

1560 — Mem de Sá parte da Bahia com a expedição que ia atacar os franceses estabelecidos no Rio de Janeiro.

1643 — Combate entre os Hollandeses que ocupavam S. Luiz do Maranhão e as tropas paraenses e maranhenses sob o Cmto. de Antonio Moniz Barreiro, sitiantes das primeiras.

1654 — Rendição do forte hollandez de Salinas então sob o Cmto. de Hugo von Meyer, ao Capitão Vidal de Negreiros, e inicio do ataque à fortaleza do Althemar.

1822 — Formação do 1.º ministerio do período da Independência, por D. Pedro, chefiado por José Bonifacio de Andrade e Silva.

1869 — Retirada do Almirante Visconde de Inhaúma do Cmto. da Esquadra em operações por motivo de doença.

17.

1640 — Quarto e ultimo combate entre a esquadra luso-hespanhola e a hollandeza na baía Formosa, sendo novamente estes últimos repelidos para o Recife.

1654 — Ataque à fortaleza de Althemar, ordenado pelo Gen. Barreto de Menezes na margem esquerda do Bapiberibe entre Sto. Amaro e Boa-Vista. Os hollandeses evacuaram os fortes de Juffrou de Bruyn e de Barrata, os quais foram logo ocupados pelos indios de Diogo Camarão.

1774 — Retirada do Gen. Vertiz, governador de Buenos Ayres, das posições que ocupava deante do forte de Rio Pardo, o qual elle ia atacar.

1869 — Morre em Humaytá do ferimento recebido em Itororó (8-12-1868) o Gen. Hilário Maximiano Gurjão.

18.

1636 — Batalha da Mata-Redonda, entre as tropas do Gen. hespanhol D. Luiz de Rojas y Borjas e as hollandezas, comandadas pelo Cel. polaco Arciszewski, os quais conseguiram ficar senhores do campo, sem contudo perseguirem os vencidos, que reuniram-se novamente em Porto-Calvo, sem o seu chefe Rojas que faleceu em combate.

1640 — Desembarque das tropas da esquadra do Conde da Torre na baía da Traição (transportes) comandadas por Henrique Dias e D. Francisco de Souza, sendo estes dois chefes batidos no Cunhaú por Charles Toulon à frente de 1000 homens.

1817 — O Capitão Elias de Oliveira passa o Uruguai, desaloja o destacamento inimigo de S. Fernando (Missões) e em seguida incendeia a povoação de Concepcion.

1827 — Combate naval do banco de Santa-Anna (Rio da Prata), 5 milhas abaixo de Martin Garcia, entre a esquadra brasileira e a argentina comandada pelo almirante Brown, sendo esta repelida em suas duas investidas retirando-se para Martin Garcia.

1869 — Ordem do dia do Marechal Caxias, despedindo-se do Exército, então acampado em Assumpção e passando o comando ao General Guilherme Xavier de Souza.

19.

1654 — Rendição da fortaleza de Althemar, atacada desde o dia 17 pelo General Barreto Menezes e defendida pelo Major Berghen.

— O General Lecor em marcha para Montevideu chega a Pando nas proximidades de Montevideu, então governada por Miguel Barreto, delegado do General Artigas, então ditador do Uruguai.

— Combate no Passo do Itaqui entre uma companhia de granadeiros de Sta. Catharina comandada pelo Major Gama e um destacamento de Artigas comandado pelo Capitão Vicente Tirapé, sendo este derrotado.

- 1840 — Ordem do dia do presidente e Cmt. das armas do Maranhão, Coronel Luiz Alves de Lima (depois Marechal Caxias) anunciando a pacificação da província.
 1865 — Defesa de Cuyabá pelo Almirante reformado Augusto Levereger, contra a invasão paraguaya.
 1867 — Tomada da trincheira paraguaya da Laguna-Piris pelo General Jacintho Machado Bittencourt.

20.

- 1501 — Descobrimento da ilha de S. Sebastião por André Gonçalves e Amerigo Vespucci.
 1567 — Mem de Sá, governador do Brazil, ataca e toma a palissada de Uruçumirim e a de Paranapucú, na baía do Rio de Janeiro, defendida pelos Tamoyos e por alguns franceses.
 1639 — Chega á Bahia a armada do Conde da Torre. (Vide 12, 13, 14 e 17 de Janeiro de 1640).
 1654 — Os hollandezes que ocupavam os fortões de Prins Willelm (Afogados) e os reduções de Kijk en de Pot, Steene, evadiram-nos para reunir-se para melhor defendarem os fortões e trincheiras de Santo-António.
 1817 — Entuada solemne do General Lecor, Cmt. das tropas portuguezas e brasileiras em Montevidéu.

- 1823 — Declaração de bloqueio á cidade de Montevidéu, pelo Gen. Lecor, Cmt. das tropas brasileiras e orientaes (Fructuoso Rivera) que haviam reconhecido o Império e a Independencia do Brazil, contra o Gen. D. Alvaro da Costa que ocupando essa cidade, com tropas portuguezas e algumas brasileira-oriental, conservavam-se fieis a D. João VI.
 1828 — Passagem de commando do Gen. Gustavo Brown, Cmt. interino do Exercito brasileiro em operações no Rio Grande do Sul, ao Gen. Visconde de Inhaúma.

21.

- 1654 — Tomada do reducto Aemilia por Vidal de Negreiros, ocupado pelos hollandezes sob o Cmto. do Capitão Brinxk.
 1849 — Derrota dos revolucionarios pernambucanos em Curraes, pelo Tte.-Cel. Francisco Antonio de Barros Silva.

22.

- 1646 — Combate com os hollandezes no aterro dos Afogados, tomando parte não só Henrique Dias com os seus pretos, como tambem reforços trazidos por Fernandes Vierira.
 1647 — Inicio do combate levado a effeito por Vidal de Negreiros ao forte hollandez da Barreta.
 1654 — Approximação de Vidal de Negreiros á fortaleza hollandez de Fredrik Hendrik (Cinco Pontas).
 1808 — Chega á Bahia a maior parte da esquadra que conduzia ao Brazil a familia real portugueza, a corte e o governo do reino.
 1820 — Batalha de Tacuarembó, ganha pelo Conde da Figueira, Capitão-General da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, contra as forças do Gen. Gervasio Artigas, dictador da Confederação Uruguaya.

- 1826 — Constituição do primeiro senado do Império, por D. Pedro 1º.

23.

- 1637 — Chega a Recife o principe João Mauricio de Nassau, nomeiado governador civil e militar do Brazil Hollandez.
 1639 — O Conde da Torre toma posse, na cidade da Bahia, do cargo de governador-geral do Estado do Brazil.
 1654 — Armistício entre as tropas do Gen. Barreto de Menezes e os hollandezes que defendiam os fortões de Mauritzstadt e Recife para iniciarem o ajuste da capitulação dos hollandezes.
 1866 — O senador Pimenta Bueno apresenta ao Imperador D. Pedro II, cinco projectos para a abolição gradual da escravidão no Brazil.

24.

- 1506 — Bulla do Papa Julio IIº, aprovando o tratado de Tordesilhas, que estabeleceu o novo limite entre as possessões portuguezas e hespanholas.
 1583 — Combate naval no porto de Santos entre 3 galeres hespanholas, commandados por André Igino e 2 galeões da marinha de guerra ingleza commandados por Eduardo Fenton.

25.

- 1634 — Os hollandezes da ilha de Itamaracá são repelidos em Iguassú por Martim Soares Moreno e Antonio Philippe Camarão.

26.

- 1500 — Vicente Yanez Pizon descobre um cabo, a que chamou de Santa-Maria de Consolation e que parece ser o que um anno depois André Gonçalves chamou de Santo Agostinho.
 1643 — Antonio Teixeira de Mello á frente dos Maranhenses e Paraenses, derrota no Outeiro da Cruz o Capitão hollandez Jacob Evers.
 1646 — Combate de Guajú, entre as tropas de Philippe Camarão e as hollandezas sob o Cmto. de Reinberg, sendo, essas ultimas repelidas após atacarem seis vezes sucessivamente.
 1654 — Capitulação assignada na Campanha do Taborda entre o Gen. Barreto Menezes e os hollandezes, ficando esses ultimos obrigados a retirarem-se do Brazil e o Brazil livre do domínio hollandez em seus estados do Norte.
 1842 — Combate do Passo do Camaquam, entre as tropas do Tte. Cel. Francisco de Abreu e a cavallaria revoltosa (columna) commandada por Bento Gonçalves, chefe da revolução riograndense.
 1865 — Circular — manifesto dirigida ao Ministro das relações exteriores da Republica Argentina e ao corpo diplomático residente em Buenos-Ayres, pelo enviado brasileiro Conselheiro Paranhos, anunciando que, em consequencia do apresamento do navio Marquez de Olinda e da invasão de Matto-Grosso pelos Paraguayos, o Brazil acceptava a guerra, começada sem previa declaração pelo dictador Lopes.

27.

1865 — Defesa da cidade do Jaguarão contra o ataque do chamado «exercito de vanguarda da Republica Oriental» os quaes commandados pelo Gen. Basilio Muñoz, foram repellidos pelo Coronel da Guarda Nacional Manuel Vargas.

1869 — Assume o Cmdo. do 1.º Corpo do Exercito em operações no Paraguay, o Gen. Victorino Monteiro e do 2.º Corpo o Gen. Argollo, por ter o Gen. Conde de Porto Alegre retirado-se para o Brazil.

28.

1631 — Jacome Raymundo de Noronha parte de Belém, para atacar os inglezes que occupavam o forte Philippe, na margem esquerda do Amazonas em frente á ilha Tucujús.

1654 — Entrada solemne do Gen. Barreto Meñezes em Recife, depois da capitulação dos hollandezes.

1808 — Abertura dos portos ao commercio directo com as nações amigas.

29.

1840 — Os tenentes coroneis da Guarda Nacional, Francisco Pedro de Abreu (depois barão do Jacuhy) e Andrade Neves (depois barão do Triunpho) destroçam os des-tacamentos dos revolucionarios riograndenses em Sanga da Bananeira, perto de Porto-Alegre.

30.

1823 — Combate entre navios brasileiros e portuguezes proximo a Itaparica, retirando-se esses ultimos após um renhido combate de mais de 2 horas.

31.

1531 — A esquadilha portugueza de Martim Afonso de Souza, que partira a 3 de Dezembro de Lisboa avista a costa do Brazil na altura do cabo Precauri, hoje conhecido por cabo da Boa-Viagem.

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

CMT. BRAZ VELLOSO

Tendo sido distinguido por S. Excia. o Snr. Presidente da Republica para ser um de seus ajudantes de ordem, deixou a representação de «A Defesa Nacional» na Marinha de Guerra o nosso prezado camarada Cap. Ten. Braz Paulino da França Velloso.

Muito gratos pelo carinho de sua carta de despedida, que mais uma vez comprova o valor dos serviços inestimaveis que nos vinha prestando, desejamos-lhe a maior somma possível de felicidade pessoal e de utilidade prática no honroso posto em que ora se encontra.

NUMERO EXGOTADO

Pedimos aos nossos assignantes, que não coleccionam os exemplares de «A Defesa Na-

cional», o obsequio de nos devolverem o n.º 153. Este pedido visa satisfazer a assignantes novos ou mesmo a outros antigos que o não receberam.

Desde já gratos.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	98\$000
Anno	18\$000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA	
1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000
FOLHAS INTERNAS	
1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000
CAPA POSTERIOR	
1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO	
Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Revista de las Españas — Madrid — Agosto.

La Guerra y su preparacion — Madrid — Set.º

Revista Marítima Brasileira — Rio de Janeiro — Março e Abril.

Revista Militar — Argentina — Outubro/Novembro.

Revue de Cavallerie — Paris — Setembro/Outubro.

Memorial del Ejercito de Chile — Setembro/Out.º

Revista del Colegio Militar — México — Outubro.

Rev. de Medicina e Hygiene Militar — Rio de Janeiro — Setembro.

Revista de Intendência — Rio de Janeiro — Agosto-Setembro e Outubro-Novembro.

O Oriente — Rio de Janeiro — Novembro.

Revista Militar e Naval — Uruguay — Out.º/Nov.º.

Revista do Club Militar — Rio de Janeiro — Nov.º.

Rev. del Círculo Militar — Perú — Out.º/Nov.º.

Revista del Círculo Militar — Mexico — Março.

Abrial, Maio e Junho.

El Ejercito Nacional — N.º 31 — Equador.

Rev. da Escola Militar — Rio de Janeiro — N.º 5.

Revista del E. M. del Ejercito — Colombia —

Maio, Junho e Julho.

Epopéa do Matto-Grosso no Bronze — Cap. Car-

dolino de Azevedo.

Revista de Engenharia — S. Paulo — Dezenbro.



**Estabelecimento Graphico
CANTON & BEYER**

RUA LUIZ DE CAMÕES, 74 - Teleph. Norte 3199

RIO DE JANEIRO

Trabalhos de Reclame
simples e em côres,
Revistas, Livros, etc.

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino,
a proposito da Campanha de 1851-1852
pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Que a artilharia deve saber da Infantaria ?

(Pelo 1º Ten. Mario Travassos)

Algumas conferencias sobre a carta,
escriptas e lidas para os officiaes do
1.º GRUPO DE MONTANHA,
contendo 22 croquis.

(Uteis aos officiaes de todas as armas)

Preço 5\$000 — Pelo correio 5\$500

Livraria Briguiet

Rio de Janeiro

Domingos Joaquim da Silva & Cia. Lda.

Endereço Telegraphico: "**DOVA**"

MADEIRAS E MATERIAES

Pinhos Riga, Sueco e Americano — Madeiras do Paiz de todas as qualidades
Tijolos, Telhas, Cimentos PORTLAND, DOVA e BRANCO, Cal, Ladrilhos,
Chapas onduladas galvanizadas, Vigas de aço, etc. etc.

GRANDES ARMAZENS E SERRARIA

PRAIA DE S. CHRISTOVÃO N: 4 A 12

TELEPHONE VILLA 25

ESCRITÓRIOS: { RUA S. PEDRO, 54 — Telephone Norte 479
"CENTRAL": PRACA DA IGREJINHA, 22 — Telephone Villa 2273

FILIAL: RUA IMPERIAL, 89 — Telephone Jardim 1070

História Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.^o com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO: { em broc. 12\$000
(livre de porte) { encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo &

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166

São Paulo — R. Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

EMPREZA S. A. "BRAZIL RECLAME"

RUA DO ROSARIO, 129 - 4º andar, sala 6

A empreza S. A. «Brazil Reclame» encarrega-se de varios trabalhos, taes como: Registro de marcas na Directoria de Propriedade Industrial. — Approvação de preparados e registro de diplomas no Departamento Nacional de Saude Publica. — Qualquer negocio nas Repartições Publicas Federaes e Municipaes. — Representações. — Comissões e Consignações. — Hypothecas.

PROPAGANDA DE QUALQUER ARTIGO, etc., etc.

Representante de varios productos e encarregada de negocios de varios Estados, especialmente de S. Paulo, a S. A. «Brazil Reclame» aceita imcubencias de todos aquelles que a queiram honrar com seus favores offerecendo solidas garantias sobre as suas transacções commerciaes.

Acaba de sahir do prélo:

Noções de Topographia de Campanha

PELO

Ten. Cel. Paes d'Andrade

Obra muito util especialmente aos officiaes
subalternos e inferiores dos corpo de tropa.

A' venda na Redacção de A DEFESA NACIONAL
e na PAPELARIA MACEDO, Rua da Quitanda, 74 - RIO DE JANEIRO

Preço (exclusive porte do correio) — 5\$000

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

**NOTA — A' venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio**

**Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.**